

2º CICLO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO, COMUNIDADES E MUDANÇA SOCIAL

Centros de Memória da Educação como espaços de encontro intergeracional

Mafalda Santos Resende

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Centros de Memória da Educação como espaços de encontro
intergeracional.**

Mafalda Santos Resende

Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação, Comunidades e Mudança Social, realizada sob orientação da Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras.

2020/2021

Resumo

O presente relatório, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, no domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social, apresenta o trabalho de investigação e intervenção realizado na Câmara Municipal de Murça (CMM), especificamente, no Projeto Raízes da Educação para o Futuro (REduF) e na fase de criação do Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da Educação de Murça (CITRIME-Murça), com foco na implantação do Serviço Educativo do CITRIME-Murça, instituição que tem como objetivo central a salvaguarda da herança cultural educativa de Murça.

Inserido na fase de transição entre o início do projeto REduF e o CITRIME-Murça, o estágio curricular centrou-se na ideia chave do “centro de memória da educação como um espaço de encontro intergeracional” capaz de promover o bem-estar comunitário e incentivar a preservação e a salvaguarda do património cultural e educativo presentes no Concelho de Murça. O estágio e o planeamento de atividades para o serviço educativo do CITRIME-Murça foram marcados por um trabalho colaborativo numa lógica de “trabalhar com” em vez de “intervir em” (Bolivar, 2003), com o propósito de envolver a comunidade o mais possível durante o processo de intervenção.

Ao longo deste relatório, além das atividades desenvolvidas, são discutidos conceitos como cultura material escolar (Felgueiras, 2005), herança educativa (Felgueiras, 2010), relações intergeracionais e serviço educativo (Camacho, 2007), entre outros, que sustentam teoricamente a investigação e intervenção realizadas.

Palavras-chave: Centro de Memória da Educação; Serviço Educativo; Relação Intergeracional; Herança Educativa; REduF

Abstract

This report, within the scope of the Master's degree in Education Sciences, in the field of Education, Communities and Social Change, presents the research and intervention work carried out in the Municipality of Murça (CMM), specifically, in the Project Educational' Roots for the Future (EduRF) and in the creation phase of the Interdisciplinary, Cross-border and Interregional Center for Memory of Education of Murça (CITRIME-Murça), focusing on the implementation of the Educational Service of CITRIME-Murça, an institution whose central objective is to safeguard the educational cultural heritage of Murça.

Inserted in the transition phase between the beginning of the EduRF project and CITRIME-Murça, the curricular internship focused on the key idea of the “memory center of education as an intergenerational meeting space” capable of promoting community well-being and encouraging the preservation and safeguarding of the cultural and educational heritage present in the Municipality of Murça. The internship and planning of activities for the educational service of CITRIME-Murça were marked by a collaborative work in a logic of “working with” instead of “intervening in” (Bolívar, 2003), with the purpose of involving the community as much as possible during the intervention process.

Throughout this report, in addition to the activities developed, are discussed concepts such as school material culture (Felgueiras, 2005), educational heritage (Felgueiras, 2010), intergenerational relationships and educational service (Camacho, 2007), among others, that theoretically support the research and intervention carried out.

Keywords: Education Memory Center; Educational Service; Intergenerational Relationship; Educational Heritage; EduRF

Résumé

Ce rapport, dans le cadre du Master en sciences de l'éducation, dans le domaine de l'éducation, des communautés et du changement social, présente les travaux de recherche et d'intervention menés dans la municipalité de Murça (CMM), en particulier dans le projet Racines de l'éducation pour l'Avenir (REduF) et dans la phase de création du Centre Interdisciplinaire, Transfrontalier et Interrégional pour le Mémoire de l'Éducation de Murça (CITRIME-Murça), en se concentrant sur la mise en œuvre du Service Éducatif de CITRIME-Murça, une institution dont l'objectif central est de sauvegarder le patrimoine culturel éducatif de Murça.

Inséré dans la phase de transition entre le début du projet REduF et CITRIME-Murça, le stage curriculaire s'est concentré sur l'idée clé du "centre de mémoire de l'éducation comme espace de rencontre intergénérationnel" capable de promouvoir le bien-être de la communauté et d'encourager la préservation et sauvegarde du patrimoine culturel et éducatif présent dans la municipalité de Murça. Le stage et la planification d'activités pour le service éducatif de CITRIME-Murça ont été marqués par un travail collaboratif dans une logique de "travailler avec" au lieu d'"intervenir" (Bolivar, 2003), dans le but d'impliquer la communauté autant que possible dans le processus d'intervention.

Tout au long du présent rapport, en plus des activités développées, des concepts tels que la culture matérielle scolaire (Felgueiras, 2005), le patrimoine éducatif (Felgueiras, 2010), les relations intergénérationnelles et le service éducatif (Camacho, 2007), sont discutés, entre autres, qui soutiennent théoriquement la recherche et l'intervention effectuée.

Mots-clés: Centre de mémoire d'éducation; Service éducatif; Relations intergénérationnelles; Patrimoine éducatif; REduF

Agradecimentos

À minha orientadora, a Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras, por todas as oportunidades que me deu, pelos conhecimentos que me transmitiu, pela orientação e ajuda que me deu durante todo este percurso.

À Câmara Municipal de Murça e às funcionárias da Residência de Estudantes de Murça que tão bem me receberam e possibilitaram a realização deste estágio e viver um conjunto de experiências que contribuíram para o meu percurso profissional e pessoal. À Universidade Sénior e ao Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Murça que participaram e possibilitaram a realização das “Conversas com História” foi um momento de muitas aprendizagens.

À Professora Maria Isabel Breia por todo o cuidado que teve comigo desde o primeiro dia, por me acolher como se fosse da família e por todo o apoio e conhecimento que me transmitiu ao longo do tempo.

Às minhas amigas obrigada pela paciência, pela amizade e pelo apoio que sempre me dão.

Aos meus pais que me incentivam e me apoiam ao longo de toda a minha vida e todo o meu percurso académico. Obrigada por toda a força e paciência que tiveram comigo.

Um agradecimento especial à Susana que esteve sempre do meu lado, me apoiou e me deu força durante todo este percurso. Obrigada por tudo!

Lista de Abreviaturas

AAM – Associação Amigos de Murça

AMS – Assembleia Municipal de Sesimbra

CITRIME – Murça – Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional da Memória de Educação de Murça

CMM – Câmara Municipal de Murça

EPM – Escola Profissional de Murça

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

FPCEUP – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

REduF – Projeto Raízes da Educação para o Futuro

UMinho – Universidade do Minho

Índice de Figuras

Figura 1. Freguesias do Concelho de Murça pertencentes à Região Demarcada do Douro e de Trás-os-Montes.....	16
Figura 2. Mapa dos Distritos de Portugal e Freguesias do Concelho de Murça.	18
Figura 3. Terras do Concelho de Murça segundo a autoidentificação da população.....	19
Figura 4. Distribuição dos edifícios escolares do Concelho de Murça no século XXI.....	20
Figura 5. Organigrama do Projeto REduF.	23
Figura 6. Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional de Memória da Educação de Murça.	25
Figura 7. Visita guiada ao grupo de estudantes de intercâmbio da Escola Secundária de Murça, no âmbito do Clube Europeu.....	47
Figura 8. Impressão da estrutura da Escola Conde Ferreira para ser recortada e montada a formar uma maquete da escola em papel.....	54
Figura 9. Impressão da estrutura da Escola Conde Ferreira para ser recortada e montada a formar uma maquete da escola em papel.....	54
Figura 10. Planta do Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional de Memória da Educação de Murça.	59
Figura 11. Frente e verso do caderno de atividades infantis.....	63
Figura 12. Interior do caderno de atividades infantis, preenchido pela criança (LG, 2020).....	63

Índice de Tabelas

Tabela 1. Tabela com síntese do planeamento das “Conversas com História”.....	58
--	----

Índice

Introdução	11
1. Justificação da escolha da temática e do local de estágio.....	11
2. Organização do Relatório	14
Capítulo I – Explorar o contexto sócio-cultural-educativo do Estágio Curricular	16
1.1 Caracterização do território	16
1.2 Projeto REduF	22
1.3 CITRIME-Murça.....	24
Capítulo II – Enquadramento teórico-conceitual da investigação e da intervenção	27
2.1. Centros de Memória	28
2.1.1 Cultura Material, Património Cultural e Herança Cultural	31
2.2 Serviços Educativos	33
2.3 Relações Intergeracionais	35
2. 4 Opções metodológicas.....	37
2.4.1 Avaliação do processo e a sua fundamentação	40
Capítulo III – O Concelho de Murça e o seu património educativo: o percurso do Estágio Curricular	42
3.1 A conhecer o território de Murça	42
3.2 O estágio	44
Capítulo IV – Entre “conversas...” e “histórias...”: o CITRIME – Murça como espaço intergeracional	52
4.1 Planeamento das “Conversas com História”	55
4.2 Execução das “Conversas com História”	60
4.3 Lições aprendidas	64
Considerações Finais	67
Referências Bibliográficas	69
Apêndices	73
Apêndice 1 - Cartaz Exposição “Escolas Conde Ferreira: marco histórico da instrução pública em Portugal”	73
Apêndice 2 – Roteiro da visita à Exposição “Escolas Conde Ferreira”	74
Apêndice 3 – Nota de Terreno 23/01/2020	75

Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento/Utilização de Fotografia e Imagem para as Crianças.....	76
Apêndice 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento/Utilização de Fotografia e Imagem para os Seniores.....	77
Apêndice 6 – Cartaz Exposição “Luces de Alén Mar. As Escolas de Americanos en Galicia”.....	78
Apêndice 7 – Planeamento Atividades do Campo de Férias da Páscoa 2020	79
Anexos	80
Anexo 1- Atividade Campo de Férias 2019 – Saltar à corda e Jogo das pedrinhas.....	80
Anexo 2 - Atividade Campo de Férias 2019 – Jardinagem	81
Anexo 3 - Atividade Campo de Férias 2019 – Lavoros	82

Introdução

As instituições de carácter cultural podem ser um elo entre a cultura, a educação e a vida em sociedade ao possibilitarem que o património e a herança cultural não sejam esquecidos, mas sim valorizados e preservados. Este tipo de instituições podem ter um papel importante na comunidade em que estão inseridos, na medida em que podem promover o bem-estar da população.

Em Portugal, entre estas instituições, encontram-se 159 museus que integram a Rede Portuguesa de Museus¹. No norte do país, especificamente nos Distritos de Vila Real e Bragança, existiam em 2018, 37 instituições culturais (Vieira,2018: 17), das quais 28 são museus e oito de outros tipos. Contudo, o número de centros de memória é muito pequeno em Portugal e, entre eles, podemos citar o Centro de Memória de Vila do Conde, o Centro de Memória do Forte S. João de Deus e o Centro de Memória da Torre de Moncorvo.

Deste modo, estudar o papel e funções de um centro de memória e das atividades dos seus serviços educativos junto à comunidade torna-se relevante, na medida em que a maioria dos concelhos do interior de Portugal está a passar por um processo de desertificação e envelhecimento.

1. Justificação da escolha da temática e do local de estágio

O interesse pelos contextos de educação não formal de carácter cultural surgiu quando estava a frequentar a Licenciatura em Ciências da Educação e, mais especificamente, com a Unidade Curricular SIMF2: Iniciação às áreas de profissionalização em Educação/Formação, onde tive a oportunidade de explorar o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, e o seu Serviço Educativo. A partir da experiência, neste museu, verifiquei que existem poucas atividades intergeracionais e que este tipo de atividades não estão desde logo incluídas na programação dos Serviços Educativos.

Assim, desta vivência resultaram algumas inquietações como:

- Qual é a diferença do Serviço Educativo de uma grande instituição cultural e de um centro de memória de uma pequena comunidade?
- Quais os públicos de um Serviço Educativo de uma instituição cultural?

¹ Retirado de: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/>

- Que tipo de atividades integram a programação de um Serviço Educativo de uma instituição cultural?
- Como é que se pode envolver a comunidade e obter a sua participação regular nas atividades? Como mobilizar a comunidade a participar nas atividades?

Motivada por encontrar respostas para estas questões ingressei no Mestrado em Ciências da Educação, no domínio Educação, Comunidades e Mudança Social, com o objetivo de conhecer qual seria o papel do profissional em Ciências da Educação no âmbito da cultura e como poderia ser estabelecida uma maior ligação entre a comunidade e as instituições culturais, de modo a que existisse uma participação ativa da comunidade.

No âmbito da Unidade Curricular de Metodologias de Intervenção em Educação, tive a oportunidade de desenvolver um projeto para o contexto escolhido, o Museu Soares dos Reis, no Porto. Para isso foi necessário fazer algumas visitas para conhecer o funcionamento do museu e como eram dinamizadas as atividades pelo Serviço Educativo.

Diante desta experiência, em conversa com a orientadora, a Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras, percebemos que o âmbito do Estágio Curricular seria o Serviço Educativo de uma instituição cultural, tendo em foco as questões educativas, os meus interesses e o domínio do Mestrado. Surgiu a oportunidade de estagiar na Câmara Municipal de Murça (CMM) na criação de um centro de memória da educação no âmbito do Projeto Raízes da Educação para o Futuro (REduF)². O estágio teria como campo teórico e metodológico a História da Educação e nesta, como foco, a cultura material escolar (Felgueiras, 2005 e 2010) e a herança educativa (Felgueiras, 2010), na sua relação com os serviços educativos (Camacho, 2007), em instituições culturais situadas em pequenas comunidades e da possibilidade de articular estes aspetos com a promoção de atividades intergeracionais (Sánchez et al, 2010).

Quando iniciei o Estágio Curricular, em 2019, uma das primeiras atividades em que participei foi a visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, em Bragança e, após ter algum conhecimento acerca do contexto em que o CMEM estava inserido, surgiram mais questões:

- Porque meios um Serviço Educativo de uma instituição cultural dá a conhecer as suas atividades?

² A proposta foi aceite pois, também, seria um desafio a nível pessoal e académico, na medida em que teria de me ausentar de casa, passar uns meses longe da família e deslocar-me constantemente para a vinda às aulas de mestrado. Exigia organização da minha parte, uma rotina totalmente nova. Estaria pela primeira vez longe da família e só.

- Como é possível integrar as atividades intergeracionais na programação do Serviço Educativo de um Centro de Memória?
- Quais as etapas que podem constituir as atividades de um encontro intergeracional?
- De que modo é possível avaliar uma atividade intergeracional?
- Com poderia ser estruturado o Serviço Educativo do CITRIME-Murça?
- No caso do CITRIME-Murça, quais as estratégias mais apropriadas para a divulgação de atividades e obtenção da participação da comunidade?

A soma destas inquietações mais as existentes durante o meu percurso académico levou à questão central que o presente trabalho procura responder: de que modo e em que medida um Centro de Memória pode ser um lugar que permite experienciar atividades intergeracionais? Qual o papel e funções de um Serviço Educativo nesse contexto?

Para dar resposta a esta questão o presente relatório tem como objetivo geral identificar estratégias de atuação do serviço educativo relacionadas com os objetivos do Projeto REduF, que promovam a participação comunitária e permitam que o centro de memória se torne um lugar de encontro intergeracional. Deste modo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Levantar a literatura relativa a museus, centros de memória, serviços educativos, atividades intergeracionais, o contexto em que o CITRIME está inserido.
- Conhecer o contexto em que o CITRIME se encontra inserido com a finalidade de identificar o modo de funcionamento da comunidade e a rede de comunicação/contacto existentes entre as diferentes instituições locais e os residentes no Concelho de Murça.
- Planear atividades tendo em conta as características e necessidades da comunidade murcense e que, também, permitam a recolha de saberes e salvaguarda da herança educativa do concelho e da região.
- Desenvolver e avaliar diferentes tipos atividades no âmbito do Serviço Educativo, entre estas, encontros intergeracionais.

O estágio partiu do pressuposto de que o resultado da investigação e intervenção educativas através de atividades intergeracionais poderia contribuir para o bem-estar das populações e para a salvaguarda das memórias educativas da comunidade murcense e permitir que as gerações mais novas conheçam estas memórias. Também poderia contribuir para combater o isolamento da população.

Para atingir os objetivos traçados para o estágio foi utilizada uma metodologia da observação participante, com descrição de notas de terreno³, registo fotográfico das atividades, a participação em eventos da comunidade para conhecer e se inserir no contexto social murcense⁴ e nessas interações perceber as estratégias mais adequadas de inserção e a melhor forma de divulgar o Projeto REduF e o CITRIME. Procedemos simultaneamente à revisão de literatura sobre os museus e os seus visitantes, serviços educativos, entre outros temas.

O estágio decorreu entre outubro de 2019 e março de 2020 e teve a duração de 5 meses, durante o qual, em conjunto com a Equipa Local do projeto REduF foram desenvolvidas diversas atividades com a comunidade. Em janeiro de 2020 a CMM criou o Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da Educação de Murça (CITRIME-Murça)⁵.

2. Organização do Relatório

Este relatório está organizado em cinco partes, sendo a primeira a presente introdução, seguida de três capítulos de desenvolvimento e das considerações finais. Nesta introdução foram apresentados o campo em que se inseriu o estágio, a relevância científica da investigação, as motivações pessoais e profissionais da escolha da temática, o local de estágio e aspetos gerais relacionados com a metodologia utilizada.

O primeiro capítulo trata a caracterização do contexto onde decorreu o estágio curricular, centrando-se em Murça, no Projeto REduF e no Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da Educação de Murça (CITRIME-Murça).

O enquadramento teórico-conceitual e metodológico da investigação/intervenção é apresentado no segundo capítulo. Nele encontram-se reflexões acerca de conceitos como património cultural, cultura material escolar (Felgueiras, 2011), herança cultural (Felgueiras 2010), relações intergeracionais (Sánchez et al, 2010) e serviços educativos (Camacho, 2007), entre outros, assim como apresenta as escolhas metodológicas da intervenção e as técnicas utilizadas.

O terceiro capítulo contempla a descrição do processo de estágio, onde estão presentes todas as atividades realizadas, as etapas que as constituíram e as interações

³ As notas de terreno continham um relato diário, e algumas vezes semanais, das atividades realizadas. Essas anotações eram feitas no CMEM e depois eram transcritas em formato digital.

⁴ São exemplos desse processo exploratório a participação na Reunião de Câmara da Câmara Municipal de Murça (5 de novembro de 2019), o encontro cultural “Sopa das alheiras” (23 de novembro de 2019) e o jantar de Natal promovido pela Associação Amigos de Murça (6 de dezembro de 2019).

⁵ Ata de Reunião de Câmara nº2 de 21 de janeiro de 2020, Câmara Municipal de Murça.

com a equipa do Projeto REduF, as instituições da comunidade de Murça e com segmentos desta.

O quarto capítulo descreve o processo de planeamento, execução e avaliação reflexiva – apoiada na experiência de estágio – da atividade intergeracional “Conversas com História” realizada tendo em conta os objetivos do Projeto REduF.

As considerações finais contêm uma síntese do percurso realizado durante o estágio e apresentam uma reflexão sobre a profissionalidade em Ciências da Educação no âmbito da atuação nas instituições culturais, mais especificamente, num centro de memória da educação.

Capítulo I – Explorar o contexto sócio-cultural-educativo do Estágio Curricular

Neste capítulo apresentamos o município de Murça através das suas características territoriais, etárias e escolares e as instituições onde o estágio decorreu: a CMM e o recém-criado Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional de Memória da Educação de Murça (CITRIME-Murça), um dos produtos do Projeto Raízes da Educação para o Futuro.

1.1 Caracterização do território

Murça, o concelho onde o estágio foi realizado, situa-se numa zona rural do interior de Portugal, em processo de desertificação, na Região de Trás-os-Montes e Alto Douro, classificado como Conselho Rural de 3ª Classe (Cruz, 2021:9). Tem uma área aproximadamente de 189,4km² e encontra-se delimitado a Norte pelos concelhos de Vila Pouca de Aguiar e Valpaços, a Sul pelo concelho de Carrazeda de Ansiães e pelos concelhos de Alijó e Mirandela a Oeste e a Este, respetivamente. (Fernandes, 2013:11).

Sendo este um concelho rural, em que parte do território integra a Região Demarcada do Douro e de Trás-os-Montes (figura 1), a população ativa trabalha principalmente no setor primário, isto é, na atividade agrícola e a sua economia gira essencialmente em torno da produção de vinho e azeite (Arruda, 2017:80).

Figura 1. Freguesias do Concelho de Murça pertencentes à Região Demarcada do Douro e de Trás-os-Montes.



Fonte: a autora com base em <https://www.cm-murca.pt/pages/544>

O Concelho de Murça, cuja sede administrativa tem o mesmo nome, é constituído, atualmente, por sete freguesias, Candedo, Carva e Vilares, Fiolhoso, Jou, Murça, Noura e Palheiros e Valongo de Milhais, das quais duas são uniões de freguesia,⁶ que, do ponto de vista geográfico, integram duas zonas territoriais da Região Transmontana: a Terra Quente e a Terra Fria.

Na Terra Quente

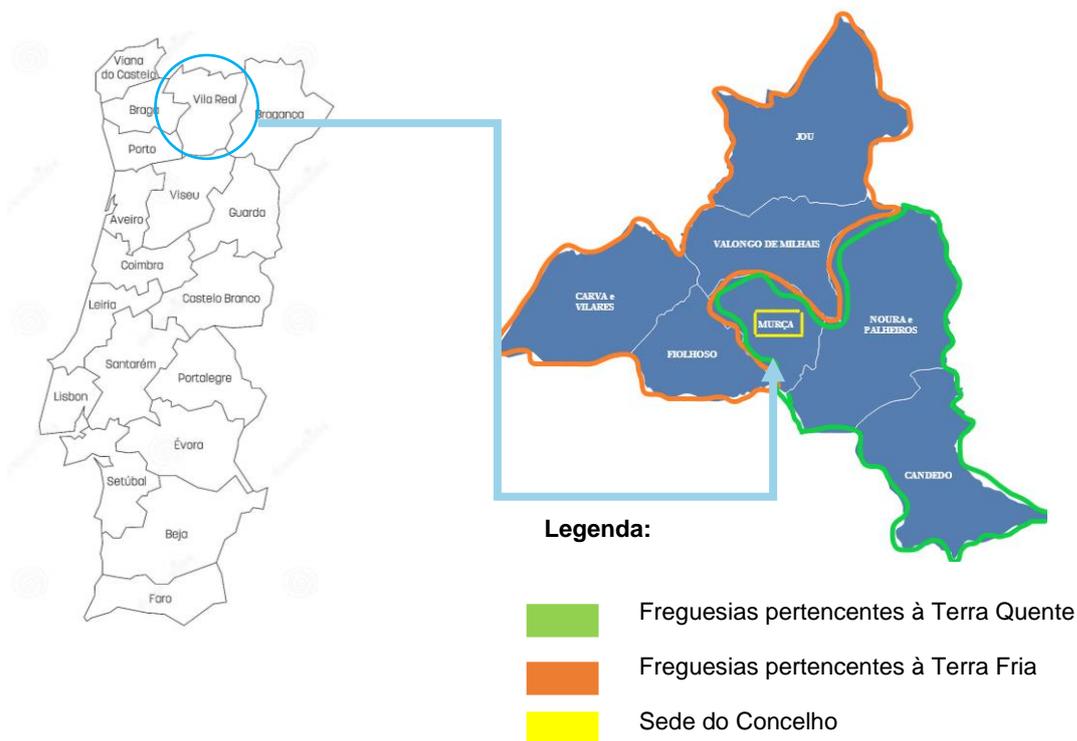
“(…) a rigorosidade do inverno é mais moderada, já que os vales menos profundos se sentem abrigados pelas altas vertentes, mas o estio brota dias tórridos de sol ardente que terminam em noites sufocantes.” (Fernandes, 2013:13).

Nesta zona a vegetação é composta por sobreiros, olivais, plantações de figueiras, amendoeiras, laranjeiras e pela cultura da vinha. As freguesias que pertencem à Terra Quente são Candedo, Noura e Palheiros e Murça. A Terra quente, pelas suas características, faz parte da região demarcada do Douro e possui elevado potencial turístico.

Relativamente à zona da Terra Fria, esta é caracterizada por um clima “(…) rude e contrastado, já que o longo inverno é frio e o verão é quente.” (Fernandes, 2013:12). Aqui na vegetação surge o carvalho, o castanheiro e o freixo. O seu solo “(…) é coberto de carqueja, de tojos e de estevas odoríferas.” (*Ibidem*, p.13). As freguesias de Fiolhoso, Vilares, Valongo de Milhais e Jou pertencem à Terra Fria (*Ibidem*, pp.11-14).

⁶ As uniões de freguesia são: união de freguesias de Carva e Vilares e a união de freguesias de Noura e Palheiros ambas constituídas em 2013.

Figura 2. Mapa dos Distritos de Portugal e Freguesias do Concelho de Murça.



Fonte: a autora com base em <https://pt.dreamstime.com/distritos-de-portugal-mapa-divis-es-administrativas-do-pa-s-regional-ilustra-o-colorida-vetor-image147145792> e <https://www.cm-murca.pt/pages/544>

Apesar da classificação geográfica do território feita por critérios científicos, a população autoidentifica-o de uma forma diferente e divide-o em três zonas: Terra Quente, Terra Fria e Zona de Montanha, uma vez que duas das freguesias apresentam um relevo mais sinuoso, não caindo, contudo, na designação científica de montanha. De certo modo estas três zonas estão tão identificadas pelas populações ao longo do tempo, que também são assumidas pelo Executivo, como pode ser observado na figura a seguir (figura 3):

Figura 3. Terras do Concelho de Murça segundo a autoidentificação da população.



Fonte: a autora com base em <https://www.cm-murca.pt/pages/544>

“Murça é uma terra de contrastes. “Terra Fria” a norte, “Terra Quente” a sul e ainda zona de Montanha. O clima de altitude e as características da denominada “Terra Quente” conferem aos seus vinhos uma grande qualidade e singularidade.” (Arruda, 2017:79)

Para uma melhor caracterização do contexto é necessário conhecer e aprofundar a situação populacional, educacional e cultural do Concelho de Murça e também as alterações ocorridas nos últimos 5 anos, onde se percebe um declínio da população residente, entre 2015 e 2019. Segundo dados da PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo, o Município de Murça, em 2019⁷, tinha como população residente 5.472 habitantes.

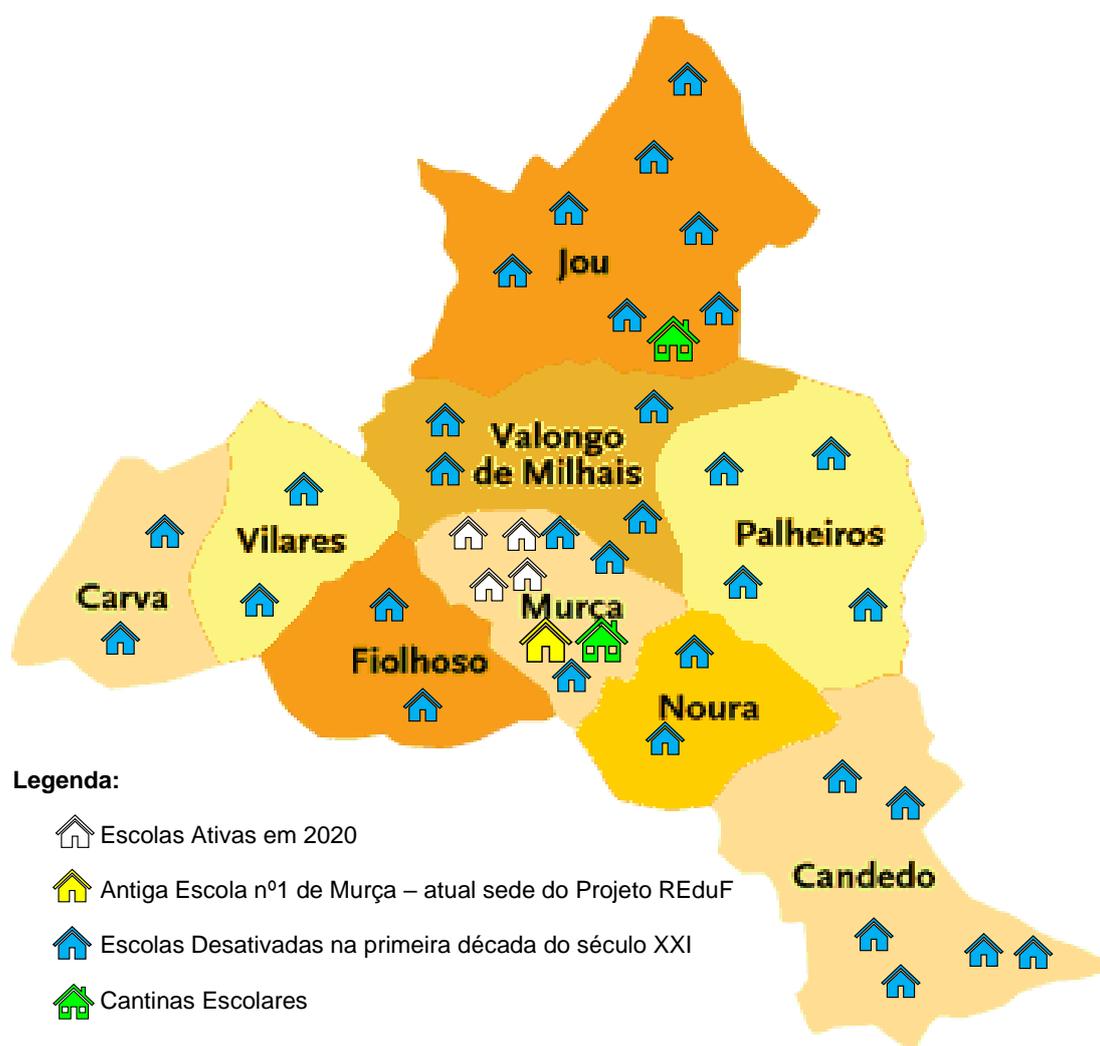
Ao analisar a população residente por grupos etários, em 2019, verifica-se que a faixa etária dos 0 aos 14 anos (543 habitantes) apresenta um número mais reduzido em relação aos habitantes dos grupos etários 15 aos 64 (3.280 habitantes) e 65 ou mais (1.649 habitantes). Com esta distribuição por grupos de idade verifica-se que Murça tem uma população envelhecida, a migração dos jovens para as grandes cidades do litoral

⁷ Dados mais recentes da Prodata – Base de Dados Portugal Contemporâneo.

pode justificar o envelhecimento da população, uma vez que são os mais velhos que ficam no interior.

Ao longo do século XX a rede escolar do Concelho de Murça chegou a ser composta por 39 edifícios. Destes, 37 são escolas de diferentes tipologias arquitetónicas e dois são cantinas escolares⁸. Tendo em conta o critério de autoidentificação da comunidade, 21 destas escolas encontram-se na Terra Quente, 6 na Terra Fria e na Zona de Montanha 12, como pode ser observado na figura a seguir (figura 4):

Figura 4. Distribuição dos edifícios escolares do Concelho de Murça no século XXI.



Legenda:

-  Escolas Ativas em 2020
-  Antiga Escola nº1 de Murça – atual sede do Projeto REduF
-  Escolas Desativadas na primeira década do século XXI
-  Cantinas Escolares

Fonte: a autora com base em visitas exploratórias aos edifícios escolares do Concelho de Murça realizados pela equipa local do Projeto REduF em 2019/2020 e em: <https://geneall.net/pt/mapa/264/murca/>

⁸ Cantina Escolar “Bernardina Breia” na sede do Concelho de Murça, onde atualmente funciona a Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa em Murça e Cantina Escolar “Guedes de Sousa” na Freguesia de Jou, que é utilizada esporadicamente como apoio ao Centro de Dia de Jou.

Das 37 escolas existentes no concelho, atualmente, encontram-se apenas em funcionamento quatro: o Agrupamento de Escolas de Murça, o Centro Escolar, o Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Murça e a Escola Profissional de Murça (EPM). Todos estes estabelecimentos encontram-se localizados na sede do Concelho, uma vez que as escolas primárias localizadas nas várias freguesias foram sendo encerradas a partir do ano letivo 2005/2006. A diminuição da população pode justificar o encerramento destas escolas. No que respeita aos alunos matriculados nos níveis escolares do infantil ao secundário, anteriormente referidos, o Município de Murça tinha em 2019, 724 alunos inscritos.

Em relação à situação cultural na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, composta pelos distritos de Vila Real e Bragança, deparamo-nos com trinta e sete instituições de carácter cultural, sendo que catorze estão localizadas no distrito de Vila Real e vinte e três no distrito de Bragança. Estas instituições são quase todas museus ou casas museu (Vieira, 2018:17).

Segundo Vieira (2018: 23), um elevado número dos museus existentes na região de Trás-os-Montes e Alto Douro são museus etnográficos, que apresentam e preservam os modos de vida das comunidades desta região, os seus saberes, costumes e tradições da sua atividade económica, deixando a educação fora das temáticas abordadas por essas instituições culturais.

No que diz respeito a Murça, relativamente ao património educativo, no ano letivo de 2003/2004, um grupo de professoras do 1.º Ciclo, Educadoras de Infância e do Ensino Básico Mediatizado do Agrupamento de Escolas de Murça tiveram a iniciativa de recolher e conservar objetos das escolas primárias do Concelho de Murça, que iriam ser encerradas, recolha coordenada pela Professora Maria Isabel Breia.

Esta recolha culminou na exposição “Memórias da escola de outros tempos: uma viagem no tempo”, que além de permanecer patente por mais de um ano na sede do Concelho, também foi exposta em outras freguesias de Murça. Este processo de recolha de objetos e a exposição levaram a que a Câmara Municipal de Murça cedesse o edifício da antiga Escola Primária de Murça, tipologia Adões Bermudes a esse grupo de professoras, denominado de “grupo promotor do Centro de Memória” para a implantação de um Centro de Memória da Educação.

Antes da criação do CITRIME apenas existia em Murça o Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros, cuja criação decorreu de escavações e investigações arqueológicas dirigidas pela Professora Doutora Maria Jesus Sanches da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que esteve aberto em permanência (Vieira, 2018:18) e que atualmente se encontra fechado. Não existem registos de museus ou de instituições culturais em Murça que estejam preparadas para receber público. Atualmente existe a

Portas de Entrada do Vale do Tua que funciona como Posto de Turismo do Município de Murça e da região.

Estes são os principais elementos da estrutura sociocultural, que caracterizam o Concelho de Murça, o que não significa que o território não tenha património edificado, paisagístico e cultural de interesse.

1.2 Projeto REduF

A iniciativa de recolha e preservação da memória da escola e dos seus artefactos mostrou o interesse e necessidade da comunidade em preservar a sua herança educativa. A exposição foi visitada por vários grupos de professores/as e estudantes universitários/as, nomeadamente a Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras, que trabalhava na constituição de um museu da escola primária na região do Porto. O seu apoio a esta iniciativa e a parceria que desenvolveu com a Professora Maria Isabel Breia e as autoridades locais levou-a a unir esforços e desenvolver o Projeto Raízes da Educação para o Futuro – REduF (Ref.⁹ PTDC/CED-EDG/30342/2017), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, que consiste num projeto de investigação interdisciplinar e de intervenção cultural que tem como objeto a herança cultural e educativa de uma região do interior transmontano de Portugal (Projeto REduF, 2017).

O REduF tem quatro objetivos principais: investigar, salvaguardar e reutilizar o património escolar edificado, móvel e imaterial enquanto recurso endógeno da região; formar capital humano para preservar e divulgar a Herança Cultural regional; criar um Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da Educação e promover formas inovadoras de disseminação de bens culturais.⁹

Como estagiária da FPCEUP, passei a integrar a equipa do projeto REduF, tendo acompanhado e participado em todo o desenvolvimento dos trabalhos, particularmente das ações do projeto no terreno.

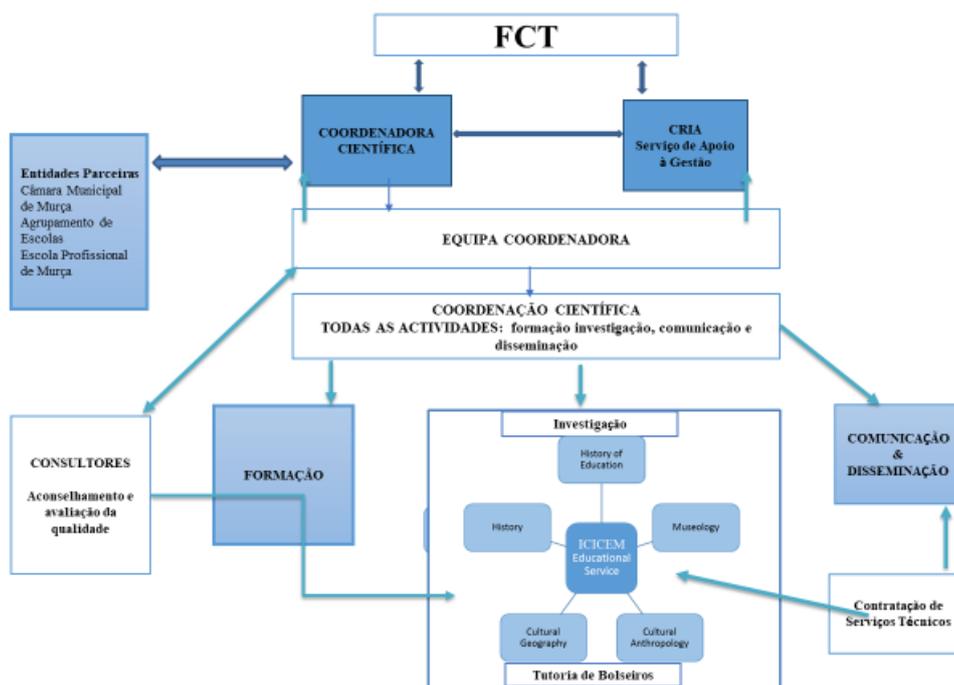
A equipa local do Projeto REduF em Murça é constituída pela Doutora Marcia Terezinha Cruz, investigadora doutorada em Ciências da Educação, responsável pela organização e desenvolvimento local das atividades e a pessoa que supervisionou o meu estágio; pela mestre em Ciências da Educação Susana Vieira, responsável pelas atividades educativas, mas que colabora em todas as atividades organizativas e de investigação do Projeto; pela professora de 1.º Ciclo Maria Isabel Breia, licenciada e aposentada, membro do grupo promotor do Centro de Memória e *stakeholder* do Projeto; pela assistente técnica da Câmara Municipal de Murça Sílvia Teixeira, com

⁹ In <https://www.fpce.up.pt/ciie/?q=content/reduf-raizes-da-educacao-para-o-futuro>

formação na área de biblioteconomia; e pelo Dr. Moutinho, chefe de Divisão de Educação, Cultura, Desporto e Ação Social, que é o elemento de ligação da equipa local do projeto com o Executivo da CMM.

A equipa científica do projeto REduF é mais ampla, coordenada pela Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras e com co-coordenação da Doutora Anabela Amaral. Esta é constituída, além dos elementos da equipa local vinculados à FPCEUP e à FCT, por um conjunto de investigadores multidisciplinares das áreas das Ciências da Educação, História, Geografia, Antropologia, Museologia, sendo eles: Professora Doutora Alice Duarte – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Professora Doutora Alice Semedo - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Professora Doutora Inês Amorim - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Professor Doutor Jorge Pinto - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Professor Doutor José António Moreno Afonso e Professora Angélica Lima Cruz – Instituto de Educação da Universidade do Minho. Esta equipa está estruturada segundo o organigrama seguinte:

Figura 5. Organigrama do Projeto REduF.



Fonte: Projeto REduF apresentado à FCT.

A coordenação de todo o projeto e os contactos com o Presidente da Câmara e da Assembleia Municipal de Murça, ao nível de decisão, são da responsabilidade da Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras, coordenadora do Projeto REduF.

Sendo um produto do REduF, o CITRIME veio tentar colmatar esta lacuna das instituições culturais da região em que está inserido, tendo o seu enfoque na herança educativa da comunidade, intervindo na sua preservação e, ao mesmo tempo, dando-a a conhecer.

Segundo a coordenadora do Projeto REduF, a implementação do CMEM pode contribuir para um maior movimento de pessoas, o que será muito benéfico em zonas mais isoladas e baixa densidade populacional, como é o caso desta. Do mesmo modo, pode ajudar a promover a economia local e os produtos tradicionais da comunidade, mas, sobretudo, pretende ser um espaço partilhado de memórias e debate sobre o contributo da educação do futuro para a qualidade de vida das populações e para um desenvolvimento sustentável do interior e do país.

1.3 CITRIME-Murça

O Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional de Memória da Educação de Murça (CITRIME-Murça)¹⁰ pretende ser uma instituição que dê a conhecer a herança educativa da região do Alto Douro e Trás-os-Montes. Esta instituição sendo um Centro de Memória da Educação, caracteriza-se por ser um “espaço de investigação, encontro e reflexão sobre o valor do património educativo” (Documento Instituidor do CITRIME-Murça, 2020:5) local, inter-regional e transfronteiriço atuando como elemento dinamizador do desenvolvimento.

A institucionalização do CITRIME-Murça deu-se no dia 21 de janeiro de 2020, após o seu Documento Instituidor ser aprovado em reunião do executivo da CMM. O CITRIME-Murça pretende ser um mediador cultural entre a comunidade e o património educativo, trabalhando com e para a comunidade, para que seja possível preservar o património e herança cultural.

Procura ser, na estrutura da Câmara Municipal, uma “unidade orgânica interdisciplinar ao serviço do desenvolvimento sustentável da comunidade local” (Documento Instituidor do CITRIME-Murça, 2020:5). Encontra-se vinculado à Divisão de Educação e Cultura.

Para tal, o CITRIME-Murça tem por objetivo a elaboração de produtos culturais de apoio à exposição, divulgação de atividades educativas aliadas às tecnologias da informação e a formas de divulgação criativas. Serão organizados eventos culturais como seminários, conferências, visitas de estudo, entre outros. Este Centro colaborará em atividades dirigidas ao turismo cultural, participando na definição de percursos e

¹⁰ Enquanto o CITRIME estava a ser criado, o Projeto REduF já estava em andamento e o serviço educativo já estava em funcionamento (Ver capítulo IV)

itinerâncias turísticas. O CITRIME-Murça será um polo de investigação histórico-pedagógica e de formas de divulgação criativas. (Projeto REduF, 2017).

Para além destas vertentes de investigação, salvaguarda e preservação do património e herança educativa, o CITRIME-Murça tem uma forte vertente de intervenção cultural, sendo também um espaço que acolhe exposições que dialoguem com o património cultural da região e que também permitam dar a conhecer à comunidade, a evolução da educação em Portugal. Para que isto aconteça, a instituição é dotada de um serviço educativo que estabelece a ligação entre todas as partes.

O CITRIME-Murça está sediado na antiga Escola Primária Nº1 de Murça, onde também os elementos da equipa local do Projeto REduF executam as suas atividades. Esta escola é de tipologia Adões Bermudes, como pode ser observado na figura a seguir (figura 6):

Figura 6. Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional de Memória da Educação de Murça.



Fonte: Samuel Augusto, 2019

O edifício, construído no início do século XX, não foi sujeito a alterações estruturais ao longo dos tempos, tendo sido preservada a sua arquitetura original. Mantêm-se as casas do professor, a fachada da escola, o recreio e toda a parte exterior, com a exceção do muro que separava as crianças por sexos.

Uma das preocupações do projeto é estudar, classificar, preservar e reutilizar este espaço dedicado à educação, valorizando a herança educativa e a cultura material escolar que nele existe (Projeto REduF, 2017).

Esta tipologia de edifícios surge para dar resposta à falta de edifícios escolares para o ensino elementar, numa altura em que o Estado procura combater o analfabetismo. Com esse fim, abriu concurso público para um novo tipo de edifício escolar, porque os edifícios anteriores já não correspondiam às necessidades do ensino. O concurso estabelecia que o projeto do edifício escolar tivesse as seguintes áreas: “um vestiário, uma ou mais aulas, pátio com recreio coberto, habitação do professor, retretes e urinóis” (Beja et al, s/d:94). O Arquiteto Adães Bermudes¹¹ ganhou esse concurso para edifício escolar para o ensino primário.

Nesta nova tipologia, as crianças estão todas no mesmo edifício, mas separadas por entradas diferentes, feminino de um lado e masculino do outro. A casa do professor fica no centro do edifício, ao contrário do que acontecia na tipologia anterior – as escolas tipo Conde Ferreira - em que a casa do professor era na parte de trás do edifício escolar (Felgueiras, 2007; Cunff, 2015)

Cada casa de professor tem entrada independente e as crianças entram por uma porta em cada extremidade do edifício. A construção mais emblemática é o edifício de duas salas, com a parte central como casa dos professores, no entanto o edifício também foi construído só com uma sala e casa de professor/a. Neste caso, a casa do professor/a ficava numa das extremidades e a entrada das crianças fazia-se pela outra extremidade. Seriam escolas mais pequenas, mistas ou de um só sexo. As escolas Adães Bermudes, pensadas e começadas a construir na fase final da Monarquia, são significativas da importância que era atribuída a este grupo profissional – dos professores e professoras – quer em número quer em importância social. O facto da casa dos professores se encontrar bem destacada no conjunto do edifício denota essa importância social da função docente e dos professores e professoras.

A escola de tipologia Adães Bermudes em Murça tem duas salas, uma destinada ao sexo feminino e outra ao sexo masculino. Funcionou até ao início do século XXI. Este edifício está a ser estudado pela equipa científica do REduF.

¹¹ Arnaldo Redondo Adães Bermudes (1864 – 1948), nasceu no Porto. Frequentou a Academia Portuense de Belas Artes, entre 1880 e 1886, concluindo o curso na Escola de Belas-Artes de Lisboa, conseguiu, também, uma bolsa para estudar em França. Quando regressou a Portugal começou a exercer a profissão de arquiteto, onde projetou várias escolas pelo país, sendo um desses projetos as escolas de tipologia Adães Bermudes. (Cunff, 2015)

Capítulo II – Enquadramento teórico-conceptual da investigação e da intervenção

Definiu-se com a orientadora que o foco da intervenção seria o serviço educativo do CITRIME-Murça, uma instituição em processo de criação que se encontra num contexto rural, com uma população envelhecida e um repositório de memórias escolares.

Uma das preocupações que está presente na equipa de investigação é a recolha de memórias através da história oral. Contudo, esta população também vive isolada, com poucos espaços de partilha. Pensar a intervenção do Serviço Educativo era a oportunidade de criar espaços de encontro e de partilha dos mais velhos com os mais novos, desenvolvendo as relações intergeracionais. Estas fariam parte do objeto de estudo e das atividades a propor. Para além disso, um dos interesses sempre foi tornar a visita a uma instituição cultural algo prazeroso, que tivesse realmente um impacto na vida de quem a visitasse e que não consistisse apenas numa troca de informações.

O campo empírico foi o Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional de Memória da Educação de Murça como espaço de encontro intergeracional. Ou seja, dentro das orientações do Projeto REduF, o que era pretendido era desenvolver atividades com diferentes grupos etários, favorecendo o encontro e a partilha de memórias de infância e juventude, no confronto com as realidades atuais.

Tendo a liberdade de escolha dos grupos etários a que se dedicaria esta intervenção, a preferência recaiu em grupos de seniores e de crianças ou jovens. O objeto de estudo foi pensar atividades intergeracionais que proporcionassem uma troca de saberes mútua e contribuíssem, simultaneamente, para o bem-estar dos seniores e para a formação das crianças e jovens, no âmbito do serviço educativo do futuro CITRIME.

Ao pensar atividades intergeracionais, também é possível equacionar a preservação, conservação e divulgação do património cultural, visto que as pessoas se sentem envolvidas, conhecem e valorizam aquilo que faz parte do seu património, tornando-se mais fácil protegê-lo. Quando se começam a envolver surgem memórias que podem ajudar a perceber esse património, assim como identificar documentos, objetos, histórias coletivas e locais. Neste sentido, o objeto de estudo e a intervenção têm como foco a programação de atividades e/ou possíveis ofertas do serviço educativo do CITRIME-Murça. Sendo o objetivo do CITRIME ser um espaço de recolha, interpretação, valorização e transmissão cultural, acredita-se que faz sentido que a problemática de intervenção promova a herança educativa aliando-a a um

desenvolvimento sustentável das comunidades¹² e ao centro de memória da educação como um espaço de encontro intergeracional.

2.1. Centros de Memória

As instituições culturais podem ter um papel importante na ligação que se estabelece entre a cultura, a educação e a vida em sociedade.

Um centro de memória parte da necessidade sentida por grupos de pessoas na comunidade ou em instituições ou empresas, de salvaguardar um património que traduz a sua experiência de trabalho, de vida, de organização e tem o potencial de fornecer informações, criar um relato comum e contribuir para um sentido de pertença.

Segundo a Coordenadora do Projeto REduF, este tipo de instituição cultural remete para as pessoas e para os seus traços no território. Não tem a pretensão de ser uma estrutura pesada, mas parte de um ponto de vista, de um olhar específico e vai-se construindo no diálogo com a comunidade, à medida que vai desenvolvendo e integrando grupos, atividades, meios, preocupações no âmbito da sua esfera de intervenção cultural.

A participação da comunidade é importante desde o seu início, no inventário das possibilidades e dos meios humanos disponíveis e faz surgir o conceito de inventário participado, em que as pessoas da comunidade ajudam na identificação do património cultural.

“Propomos que o inventário participado, (...), seja definido como a intervenção de pessoas e comunidades na identificação e na documentação dos seus recursos culturais, o que envolve o seu reconhecimento como elementos de identidade local e pessoal, isto é, como património cultural.” (Querol, 2013:181).

Perante esta abordagem de participação da comunidade no centro de memória é necessário prever também um grupo de investigação que coordene, oriente, produza e divulgue conhecimento. Os centros de memória devem tornar-se centros de referência sobre um tema, a região e servir de apoio e estimular outras atividades culturais.

A memória é um fator que está presente na elaboração do inventário. Esta e o esquecimento andam sempre juntos, sendo que pode ser ativada com a memória dos outros e também pode ser falsificada. Associado a uma memória está muitas vezes um objeto, que lhe serve de âncora. Este tipo de intervenções, como o inventário participado, permitem ativar as memórias e mais uma vez salvaguardar o património cultural de um contexto, que talvez de outra forma se perdesse.

¹² Vieira, Susana Saborano. *O lugar da herança cultural no desenvolvimento local. A experiência de pensar com os atores sociais um Centro de Memória da Educação*. Porto: FPCEUP. 2018, p. 32.

Para tornar a experiência de quem visita o centro mais enriquecedora e mesmo dar a possibilidade de experimentar novas abordagens para quem está envolvido nas instituições, a participação comunitária, através dos seus variados grupos, é fundamental. Só quem participa é que acaba por ter a verdadeira noção das implicações no coletivo e no individual.

Tendo em conta que o papel que a Educação exerce na sociedade vai mais além do contexto de sala de aula e está presente nos mais variados meios da sociedade, ela tem um papel muito importante no campo da cultura e no desenvolvimento e sustentabilidade de um centro de memória. Daí que seja muito importante a participação da comunidade educativa nas instituições culturais, mais especificamente as que fazem parte do seu contexto.

Para que os visitantes do centro de memória tenham uma melhor experiência é fundamental que se possa manusear os objetos e que estes não estejam numa vitrine, mas muitas vezes isto não é possível porque os objetos são frágeis e podem ser danificados. Então, uma solução para este problema seria ter réplicas destes objetos, que pudessem ser manipuladas à vontade pelos visitantes, principalmente quando estes estão a participar numa atividade específica.

Tendo em conta que em Murça não estamos perante um museu, mas sim um Centro de Memória da Educação é importante refletir sobre instituições culturais que não têm a mesma dimensão que um museu, como é o caso dos museus comunitários e os centros de memória.

O museu comunitário nasce a partir das pessoas da comunidade, de modo a responder às necessidades e aos interesses destas, tendo sempre a preocupação de envolver esses membros em todos os processos e etapas do museu. Para além disto, esta instituição, em específico, reflete uma parte da vida da comunidade em que está inserido.

“Un museo comunitario es un museo que responde a las demandas de una comunidad, cuya formación responde a los intereses de miembros de la sociedad que, atraídos o próximos al conocimiento sobre el pasado, su cultura, memoria e identidad, deciden crear un espacio de representación en el presente, atendiendo las distintas problemáticas que los afectan.”¹³ (Corredor, 2015:178).

¹³ Tradução livre da autora: “Um museu comunitário é um museu que responde às exigências de uma comunidade, cuja formação responde aos interesses dos membros da sociedade que, atraídos ou próximos do conhecimento sobre o passado, a sua cultura, memória e identidade, decidem criar um espaço de representação no presente, atendendo aos diferentes problemas que os afetam.” (Corredor, 2015:178).

O museu comunitário tem uma dinâmica semelhante à de um centro de memória, na medida em que em ambos está muito presente a comunidade em que estão inseridos, o papel dela é fundamental no funcionamento destas instituições.

“A adição desta perspectiva de escuta silenciosa de memórias aos museus, sobretudo àqueles cujas coleções indubitavelmente se relacionem com as vidas das pessoas que os rodeiam e que deles fazem parte, engrandece coleções e corações, conhecimento e auto-estima, e permite, acima de tudo, criar relações de grande proximidade entre instituição e população, preservando-as activamente para memória futura.” (Cardoso, 2016:98)

Estes dois tipos de instituições culturais aproximam-se da perspectiva de proximidade e participativa da população. No caso dos Centros de Memória que “(...) belongs to those who use it.” (Schweitzer, 1995:96)¹⁴ e, portanto, vivem da participação da comunidade tal como os museus comunitários, e das memórias dessa mesma comunidade.

O centro de memória diferencia-se, então, de um museu no sentido em que não é uma estrutura terminada e a comunidade tem um papel fundamental na sua construção.

Os museus, segundo Mendes (2013, p.32), ao longo dos séculos têm tido várias funções, como a aquisição e preservação de objetos e coleções do património cultural, a divulgação destes objetos e coleções e, ainda, a função de educar através de exposições e atividades. Existiram momentos em que uma função era mais desenvolvida do que outras.

No entanto, nos meados do século XX, mais especificamente na década de 1960, deu-se uma viragem nos museus em Portugal e estes passaram a estar mais voltados para o exterior, para a comunidade e, portanto, começaram a dar mais importância ao seu papel educativo. Tendo assim uma nova função e “(...) se han convertido en un lugar para aprender y disfrutar.”¹⁵ (Hooper-Greenhill, 1998:10). Deste modo, foi necessário que estas instituições culturais reorganizassem as suas estruturas.

Segundo a Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº47/2004, de 19 de agosto)

“Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais,

¹⁴ Tradução livre da autora: “(...) pertence a quem o usa.” (Schweitzer, 1995:96)

¹⁵ Tradução livre da autora: “(...) converteram-se num lugar para aprender e disfrutar.” (Hooper-Greenhill, 1998:10).

assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.”
(Artigo 3º, alínea 2).

As funções do museu passam pelo estudo e investigação, pela incorporação, inventário e documentação, conservação, interpretação e exposição, segurança e educação (Artigo 7º, Lei nº47/2004).

O perfil dos profissionais dos museus também foi acompanhando a evolução destes e sofrendo alterações. No entanto, foi pedido ao conservador do museu que desempenhasse, para além de outras funções, a de educador. Porém, estes preferiam desempenhar o seu trabalho científico ao papel de educador de museu.

Com a reestruturação dos serviços dos museus e falta de profissionais para desempenhar as novas funções, que lhes eram atribuídas, foi então necessária a formação de profissionais com o papel de educador de museu. Este profissional,

“(…) além de dever conhecer a matéria relacionada com as colecções e/ou os objectos e a própria instituição museológica na qual exerce funções, deverá igualmente saber comunicar, dominar as técnicas pedagógicas e didáticas, possuir alguns conhecimentos de relações humanas e ainda conhecer os tipos de público a que tem que dirigir-se e para cuja educação deverá contribuir, com a maior eficiência e qualidade possíveis.” (Mendes, 2013:44-45)

O CITRIME-Murça é um centro de memória da educação e, portanto, o seu foco é a “(…) valorização e de salvaguarda do património histórico-cultural da educação escolarizada ou não, na região, refletido em testemunhos materiais e imateriais expressos no território, nos saberes, na memória e na identidade da comunidade local, na sua interação regional e transfronteiriça.” (Documento Instituidor, 2020).

2.1.1 Cultura Material, Património Cultural e Herança Cultural

A aprendizagem nas instituições culturais pode acontecer através dos sentidos e das emoções, devendo existir uma valorização da cultura material. O facto de os diferentes públicos poderem contactar diretamente com materiais iguais ou semelhantes aos que são usados nas peças expostas constitui uma mais-valia pedagógica que estas podem oferecer, no sentido de que é através do despertar dos sentidos, através do manuseamento dos objetos, que é feita uma melhor e diferente aprendizagem cultural e emocional.

“Focar a cultura material não é um exercício de êxtase perante o passado, mas um processo de questionamento, que nos leva dos objetos, sua proveniência e autoria aos sujeitos que os produziram, deles se apropriaram e/ou os utilizaram em contextos educativos.” (Felgueiras, 2011:79).

A cultura material só se compreende no contexto em que foi criada. Esta tem um olhar mais abrangente, não se fixa apenas num só objeto. Estes objetos são um prolongamento das pessoas, assim “Os objetos não são independentes da sua inscrição na realidade social e subjetiva dos indivíduos e grupos. É necessário considerá-los na acção dos sujeitos.” (Felgueiras, 2015:177).

Os objetos são importantes para nos transmitirem as práticas das pessoas e através do seu contexto percebemos o objeto em si e o seu uso. No caso da cultura material escolar, esta permite-nos perceber como é que as crianças aprendiam, como eram usados e também como evoluíram ao longo do tempo. Os objetos são investidos de sentidos e concebidos por uns para outros, com as mais diversas finalidades. Mas vão ser esses outros, pelas apropriações que deles fazem, que dão sentidos, guardam memórias e sentimentos relativos a tais objetos.

A cultura material e os objetos fazem parte de um património e de uma herança cultural. Inicialmente, o conceito de património tinha uma conotação individual, de bem pessoal, era “conjunto de bens privados, transmitidos de pais para filhos, de geração em geração”, no entanto, este conceito foi sofrendo algumas alterações com o decorrer do tempo, passando de ser um bem pessoal a um bem público, adquirindo um sentido de pertença comum (Felgueiras, 2005). Ou seja, os bens privados passaram a ser bens nacionais ou municipais.

O património cultural estava muito associado à ideia de bem material. No entanto, com a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, realizada em 2003 pela UNESCO, o património imaterial foi incorporado no conceito de património. Segundo a UNESCO

“1. Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interacção com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.” (UNESCO, 2003)

Segundo Felgueiras (2010), a herança cultural é “o legado de bens materiais quanto simbólicos, as práticas, as táticas, as brincadeiras e as canções, as recordações construídas em um espaço relacional, num quadro físico e social estruturado”. A herança cultural comporta em si uma carga valorativa e emocional, algo que está intrínseco e não se pode desapegar devido a afetos e emoções. É transmitido de geração em geração,

sendo que a herança é tudo, tanto o material como o imaterial. A questão de pertença é algo que caracteriza a herança cultural. Dentro deste conceito, podemos pensar mais especificamente em herança educativa, nesta estão inseridos, por exemplo, os prédios, o material escolar e os conjuntos de livros, como as recordações que se tem da escola, da professora, etc.

Tanto em relação ao património como à herança cultural é importante envolver a comunidade, visto que é esta que tem de valorizar o que faz parte do seu contexto, do seu quotidiano e deve, também, preservar, conservar, analisar e transmitir essa herança. Os museus, museus comunitários e centros de memória devem estabelecer esta ligação entre a comunidade e a sua herança cultural, promovendo o seu envolvimento, de modo que exista uma preservação contínua dessa herança cultural.

Este tipo de abordagem museológica é interessante e importante, principalmente em instituições culturais de menor dimensão ou que se situam em regiões do país de baixa densidade populacional, como os centros de memória e museus comunitários, na medida em que é possível criar uma maior ligação entre a comunidade e as instituições e, também, como já referi anteriormente, é uma forma de preservar e conservar a herança cultural, de um dado contexto, nas suas diversas valências.

É nesta perspetiva integradora, de uma cultura que promove a fruição e a promoção cultural de todos os tipos de público, que o serviço educativo do CITRIME-Murça se insere e nós orientaremos as atividades de mediação socioeducativas a realizar.

2.2 Serviços Educativos

Todas as mudanças que as instituições culturais têm sofrido ao longo dos anos levaram a que estas começassem a pensar nos seus objetos não só como algo colecionável, mas também utilizá-los como uma forma de despertar interesse na comunidade e de atender às suas necessidades.

“(…) los museos han defendido los valores de la erudición, la investigación y la colección a *expensas* de las necesidades de los visitantes. El reto de hoy es conservar estas preocupaciones tradicionales pero *combinándolas* con valores educativos que se centran en cómo los objetos conservados en los museos pueden mejorar la calidad de vida de todos.”¹⁶ (Hooper-Greenhill, 1998: 9-10)

¹⁶ Tradução livre da autora: “(…) os museus têm defendido os valores académicos, de investigação e coleção às custas das necessidades dos visitantes. O desafio de hoje é preservar estas preocupações tradicionais, mas combiná-las com os valores educativos que se centram em como os objetos conservados nos museus podem melhorar a qualidade de vida de todos.” (Hooper-Greenhill, 1998: 9-10).

Assim, começaram a focar-se mais na sua componente educativa e sentiram a necessidade de criar ou reestruturar os seus Serviços Educativos.

Um Serviço Educativo deve tentar responder a questões como: qual ou quem é o público que visita a instituição cultural e porquê; como é que vai atrair esse público; como atender às diferentes expectativas do público e, também, quais as atividades mais relevantes.

“(…), corresponde a uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve acções dirigidas ao público, com objectivos educativos.” (Camacho, 2007, in Barriga e Silva, 2007:28).

Compete ao Serviço Educativo de uma instituição cultural desenvolver atividades e projetos que valorizem a cultura material e deve torná-la apelativa, para que o público-alvo sinta interesse pelo que vai observar. Também é importante estimular a aprendizagem e as competências desse mesmo público.

O público que visita uma instituição de carácter cultural é heterógeno, têm diferentes interesses e necessidades. Estes fatores afetam uma comunicação em massa (Hodge & D’Souza, 1994:45) o que leva a que a comunicação deva ser mais contextualizada e que tenha em conta o tipo de público.

No entanto, por mais que o Serviço Educativo pense que as atividades correspondem aos interesses do público, isto na realidade pode não acontecer. Portanto, é importante que haja uma avaliação das atividades e um envolvimento do público na criação ou melhoramento das mesmas, “A participação do próprio educando desempenha, neste processo, um papel fulcral” (Mendes, 2013:42), o Serviço Educativo deve criar uma ligação entre a instituição cultural e o público.

É preciso ter em conta que estas visitas não se devem traduzir num tipo de visita de estudo meramente expositiva, isto é, tornar-se numa aula, “Uma ida ao museu é uma experiência global. Fora do sistema formal de aprendizagem, o museu não é uma escola nem uma enciclopédia.” (Silva, 2007:57). Elas devem despertar o gosto e o interesse pela cultura, em geral, e pelas instituições, em particular.

Nem sempre é adequado para todas as instituições culturais trabalhar com grupos-alvo para montar exposições. Este método é mais adequado em instituições culturais dedicadas à comunidade ou a períodos históricos, como é o caso dos centros de memória. O serviço educativo do CITRIME pretende ser um elo de ligação entre o trabalho interno de salvaguarda e recolha da herança educativa da região e diversos segmentos de público, que deve ser incitado a participar nas diversas atividades do Centro.

O/a técnico/a do serviço educativo não se deve cingir apenas à função de guia (Allard & Landry, 2009:19), deve envolver-se o máximo possível em todos os aspetos que estejam relacionados com as exposições e atividades, portanto, este/a deve participar no desenvolvimento, planeamento e montagem da exposição para apreender o sentido da mesma, poder pensar nas atividades e na forma de comunicar com o público, de acordo com a finalidade da exposição. Uma vez que se o/a técnico/a não conhecer a exposição não consegue tirar o melhor partido, nem transmitir a essência da mesma ao público durante atividades ou visitas guiadas.

A visita a uma exposição para ter impacto no público tem de ser mais do que uma ideia ou objetos expostos numa sala. Uma exposição deve comunicar com o público, deve educar, exercitar a mente e os sentidos (Kaplan, 1995:41).

“Museum exhibitions are products of research, organized and designed to convey ideas. They communicate through the senses, the primary sense being visual, by a process that is both cognitive and cultural.”¹⁷ (Kaplan, 1995:37)

O técnico do serviço educativo tem um papel neste processo, na medida em que é o mediador entre a exposição e o público, em que dá a conhecer, a traduz e mostra detalhes, estabelece empatia com as pessoas e o que é o discurso que a exposição representa.

2.3 Relações Intergeracionais

Desde sempre existiu uma troca de saberes entre gerações, as mais velhas ensinavam as mais novas e o contrário também acontecia. Entende-se por geração o facto de um indivíduo ter nascido numa determinada época e ter vivido os anos cruciais de aprendizagem num clima cultural caracterizado por eventos históricos específicos que marcam as formas de pensar, sentir e agir das pessoas (Cavalli, 1994).

As mudanças sociais, culturais e económicas e o envelhecimento demográfico levaram ao afastamento das várias gerações (Ferreira, 2017:47), perdendo-se momentos de aprendizagem mútua. Deste modo, a promoção das relações intergeracionais surgem como resposta a estes fenómenos.

Lüscher et al (2014) caracterizam as relações intergeracionais como

“Social relations between members of two and more generations (...) characterized by an awareness of generational membership with its resulting

¹⁷ Tradução livre da autora: “As exposições em museus são produtos de investigação, organizadas e concebidas para transmitir ideias. Elas comunicam-se através dos sentidos, sendo o sentido primário o visual, por um processo que é cognitivo e cultural.” (Kaplan, 1995:37).

commonalities and differences (...). These relations are made concrete in mutual and reflexive orientation, persuasion, exchange, and learning processes. (...) At the same time it is important to maintain and develop relationships as such.” (Lüscher et al, 2014:40)¹⁸

A intergeracionalidade pretende promover oportunidades que levem à construção de relações intergeracionais de modo “(...) a fomentar a solidariedade, interdependência, reciprocidade, partilha de conhecimentos e a transformação entre indivíduos, contribuindo juntos para a construção de um modelo de sociedade mais justo e solidário.” (Ferreira, 2017:41)

As relações intergeracionais têm uma grande relevância para o bem-estar dos idosos, na medida em que estes se sentem muitas vezes isolados e sem um papel na sociedade e a possibilidade de contactar com elementos mais jovens faz com que se sintam valorizados e que ainda têm um propósito. Em relação às crianças e jovens, as interações com os mais velhos tornam-se momentos de formação e de aprendizagem e também, por vezes, estas pessoas tornam-se modelos positivos, figuras importantes na vida dos jovens (Sánchez et al, 2010:21).

Segundo Sáez (2002), a educação intergeracional é um conjunto de

“processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respetivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal” (Sáez, 2002:104).

A educação intergeracional permite, segundo este autor, ultrapassar preconceitos de idade, fomentar o respeito e promover a entreaajuda e o desenvolvimento pessoal.

Este tipo de educação caracteriza-se por se desenvolver em diferentes contextos, desde a educação não-formal e informal à formal, assenta na perspetiva de educação ao longo da vida e pressupõe que “(...) do intercâmbio educacional entre as diferentes gerações resulta o enriquecimento mútuo e o florescimento de comunidades, lugares e locais (...)” (Villas-Boas et al, 2017:2).

Segundo Villas-Boas et al (2017) a educação intergeracional “(...) tem o potencial de promover a educação cívica, a educação comunitária e o desenvolvimento

¹⁸ Tradução livre da autora: “Relações sociais entre membros de duas ou mais gerações (...) caracterizadas por uma consciência da filiação geracional com as suas semelhanças e diferenças resultantes dessa pertença (...). Estas relações concretizam-se em processos de orientação, persuasão, troca e aprendizagem mútua e reflexiva. (...) Ao mesmo tempo é importante manter e desenvolver este tipo de relações.”

local, a educação orientada segundo uma tradição crítica, de emancipação e de consciencialização.” (Villas-Boas et al, 2017:6).

Para além de proporcionar benefícios para os idosos e para as crianças e jovens, a educação intergeracional tem também benefícios para a comunidade envolvente, entre os quais melhorar a vida da população, diminuir os estereótipos, levando a uma compreensão mútua e promovendo a inclusão social e aumentar a compreensão intergeracional e intercultural (Villas-Boas et al, 2017:5).

Com o envelhecimento da população (estimativas futuras no mundo, em Portugal e até em Murça, se houver) é importante refletir sobre este tipo de educação e os seus benefícios. Pensar numa educação ao longo da vida que permita formar cidadãos ativos, compreensivos e cooperativos.

O CITRIME foi pensado como um espaço para a partilha de experiências, de saberes e memórias entre gerações. A participação, por parte dos idosos, neste tipo de instituições culturais pode aumentar a sua autoestima e as emoções positivas. Também leva à redução do isolamento social e da ansiedade. (Bernardo & Carvalho, 2020:10). A partilha de memórias entre os idosos e os jovens pode ser uma atividade social e psicologicamente importante para ambas as partes. De acordo com Bernardo & Carvalho (2020), relativamente aos idosos,

“O engajamento cultural esteve associado à proteção das habilidades cognitivas ou redução da incidência de doenças neuropsiquiátricas, de dor crônica e de comportamentos inadequados. À semelhança, a cultura esteve associada à melhor percepção para qualidade de vida, bem-estar, felicidade e afeto positivo.” (Bernardo & Carvalho, 2020:11)

No entanto, é necessário existir uma boa estrutura, ações planificadas e estímulos, que permitam o desenrolar destes momentos de partilha. Isto é importante principalmente para os idosos, que se encontram em lares, sem as pessoas e os objetos que lhes relembram o seu passado, tal como já referi anteriormente (Schweitzer, 1995:92-93).

2. 4 Opções metodológicas

O objeto de estudo das ciências sociais é o ser humano e as suas relações biossocioculturais em que a regra metodológica é “explicar o social pelo social”. Fazem-no através da análise de contextos particulares da realidade, em que o/a investigador/a e o objeto de estudo partilham uma mesma natureza humana. Essa circunstância, se abre a porta à empatia e a uma compreensão profunda da experiência do outro, também pode criar ruído, distorção e viés na análise dos fenómenos.

O fenómeno educativo é dotado de especificidades e, portanto, quando investigamos e intervimos em educação não é o mesmo que em outras áreas. Tendo isto em conta, a comunicação, compreensão e capacidade de escuta têm um papel relevante durante todo o processo relacional.

Abordaremos de seguida as opções metodológicas tomadas neste processo de intervenção. Como ia realizar um estágio curricular no contexto de uma câmara municipal e de uma equipa de investigação/intervenção que tinham por objetivo criar uma instituição cultural foi pertinente pensar a cultura como intervenção.

Estando definido o nosso campo de trabalho e dentro das orientações gerais do projeto REduF, cuja metodologia assenta na investigação-ação, inseri-me na equipa local e acompanhei o desenvolvimento de todas as suas atividades, desde a conceção, planificação, execução e avaliação. Constitui-me, pois, como mais um elemento da equipa. Esta opção geral do projeto levou a que ao nível da conceção e desenvolvimento das atividades do Serviço Educativo fosse essa a orientação seguida.

A Investigação-ação pressupõe uma intervenção e o que a norteia é a mudança social e para acontecer esta mudança é preciso que haja ação (Coulter, 2002).

O estágio foi marcado por um trabalho colaborativo numa lógica de “trabalhar com” em vez de “intervir em” (Bolivar, 2003), isto é, envolver a comunidade o mais possível no processo de intervenção.

A partir do momento que começou este processo foi importante conhecer o contexto, as suas especificidades, a comunidade e estabelecer uma ligação com esta para ser possível fazer uma intervenção adequada e informada.

“A intervenção comunitária depende da capacidade de estabelecer relações de confiança com outros, profissionais e cidadãos – a intervenção não decorre contra os outros ou apesar dos outros ou em vez dos outros, mas só faz sentido se com os outros.” (Menezes, 2007:138)

Uma das abordagens possíveis no campo da intervenção cultural é a da ação cultural. Esta não nega a existência de especialistas, mas quando pensa na ação não vê o outro como ignorante. Trabalha com a comunidade, com os grupos e não para estes. Pensa a ação conjuntamente com os outros grupos (Bolivar, 2003).

No Projeto REduF é dado ênfase à recolha das tradições educativas e escolares regionais, através da história oral e da descrição etnográfica e aos estudos de cultura material.¹⁹ Portanto, as opções metodológicas que nortearam esta intervenção estiveram em conformidade com as orientações gerais do projeto e com a adequação aos objetivos do trabalho a desenvolver enquanto serviço educativo.

¹⁹ Retirado de <https://www.fpce.up.pt/ciie/?q=content/reduf-raizes-da-educacao-para-o-futuro>

Para o conhecimento do contexto foi necessário fazer observação das dinâmicas que nele tinham lugar. A etnografia é caracterizada por estudar a cultura e a sociedade, e é por meio da observação participante que recolhe os dados necessários. A observação participante foi um dos métodos utilizados durante todo o processo de intervenção, esta permite estudar “(...) os modos de vida, de dentro e pormenorizadamente, esforçando-se por perturbá-los o menos possível” (Quivy e Campenhoudt, 1998:197). Este método foi auxiliado por reflexões diárias acerca da intervenção e que se encontram nas notas de terreno. Através da etnografia, da pesquisa realizada ao longo do estágio, o facto de estar a viver temporariamente em Murça e a participação em eventos da comunidade permitiu-me estar mais envolvida na cultura do Município, ficando a conhecer melhor as suas dinâmicas, tradições e costumes.

Para além da observação participante também fiz o registo fotográfico das várias atividades realizadas, a revisão de literatura sobre centros de memória, museus, serviços educativos, relações intergeracionais, entre outros temas, assim como, a participação em eventos da comunidade para conhecer e me inserir no contexto social murcense²⁰ e nessas interações perceber as estratégias mais adequadas de inserção e a melhor forma de divulgar o Projeto REduF e o CITRIME.

A ética é importante em todos os contextos de trabalho, especialmente, nos contextos das Ciências Sociais e das Ciências da Educação, já que estamos em constante contacto com outras pessoas. É preciso ter em mente que os outros também são sujeitos morais como nós e que devemos respeitar os seus direitos. Daí que a ética nos leve a questionar:

“(...) quais os meus deveres para comigo mesmo, para a profissão que exerço, o meu estatuto de cidadão, a sociedade em que vivo, a vida, a natureza e o futuro das gerações que me sucedem?” (Magalhães, 2010:41)

Portanto, a ética não é apenas uma questão de teor pessoal e é necessário ter o consentimento dos indivíduos envolvidos, que estes tenham claro os seus direitos e deveres e, sempre que necessário, esclarecê-los acerca dos mesmos, devemos ter isto em conta durante todo o processo de intervenção (Sousa & Terrasêca, 2015).

“Antes de mais, os técnicos de intervenção socioeducativa são «profissionais da condição humana», (...). No outro pólo da relação profissional estão pessoas, seres humanos com histórias, memórias, segredos, sonhos e vontades. Esta constatação impregna de sentido ético a complexa missão de

²⁰ São exemplos desse processo exploratório a participação na Reunião da Câmara Municipal de Murça (5 de novembro de 2019), o encontro cultural “Sopa das alheiras” (23 de novembro de 2019) e o jantar de Natal promovido pela Associação Amigos de Murça (6 de dezembro de 2019).

conduzir a dinâmica relacional com sentido de magistério.” (Carvalho e Baptista, 2008:26).

A atividade planeada envolveu crianças e seniores e, portanto, foi necessário redigir um Termo de Consentimento Informado para, no caso das crianças, pedir autorização aos encarregados de educação para fotografar e gravar as crianças e, no caso dos seniores, ter a sua autorização.

Apesar de termos redigido este Termo e ser assinado pelos encarregados de educação, as fotografias tiradas tiverem sempre o cuidado de não apanhar as caras das crianças.

2.4.1 Avaliação do processo e a sua fundamentação

Quando realizamos qualquer tipo de intervenção é importante pensar na avaliação e efetuar, porque ao avaliar estamos a refletir sobre aquilo que fizemos, todas as decisões que tomamos, sejam elas na nossa vida pessoal ou profissional. Ajuda-nos a perceber o que é que fizemos bem, o que fizemos menos bem, o que podemos melhorar e a identificar as fragilidades. Ajuda-nos a crescer.

“Importante é que a avaliação não se reduza a controlar, tampouco seja a supressão da autonomia e da liberdade intelectual, mas seja um instrumento a elevar a consciência dos problemas, potenciar os sentidos dos fenômenos e projetar novas possibilidades de construção. Contribua para a emancipação, portanto.” (Sobrinho, 2011:11)

Neste sentido, a avaliação é realizada para que as pessoas que estão envolvidas na intervenção possam refletir sobre o que foi desenvolvido e alcançado ao longo do processo, mas também o que não foi conseguido e porquê, para que no futuro possam planear melhor o trabalho, ou seja, tornar a avaliação produtora de sentido, para a melhoria e capacitação dos envolvidos.

Tendo em conta que o estágio se realizou numa instituição cultural “«avaliar» adquire a configuração de um processo de apreciação de adequação dos meios empregues para atingir objectivos previamente definidos.” (Faria, 2007:67). Como nos centrámos no planeamento e execução de atividades com o público é extremamente importante termos uma avaliação destas atividades para ser possível percebermos o que correu bem e o que correu menos bem, o que se poderá melhorar ou alterar no futuro, deixando um contributo reflexivo que possa aproveitar à continuidade do Serviço Educativo e das finalidades do CITRIME.

A avaliação pode ser realizada em diferentes momentos da intervenção. No início da intervenção, ao longo de todo o processo e no final da intervenção. A avaliação *ex-ante* é a avaliação efetuada no início, funciona como uma avaliação de diagnóstico que nos permite perceber as necessidades, os recursos disponíveis e os beneficiários. A avaliação formativa, *on going*, é aplicada durante o processo e avalia a metodologia utilizada e a eficácia e eficiência da intervenção. Por fim, a avaliação *ex-post* é a avaliação aplicada no fim do processo, tem como objetivo evidenciar e confirmar efeitos e resultados (Monteiro, 1996).

Para a avaliação podemos pedir o contributo do próprio público de uma forma mais informal ou formal, por exemplo, fazer uma avaliação de satisfação questionando no final da atividade, para perceber se gostaram ou não e porquê, recolher sugestões do que se poderia fazer diferente e que tipo de atividades gostariam que se realizasse ou que gostariam de participar.

Os responsáveis pelas ações também devem fazer uma autoavaliação das atividades, pois este tipo de avaliação “consiste em reforçar as capacidades do sujeito para gerir ele próprio, os seus projetos, os seus processos, as suas estratégias” (Perrenoud, in Leite, Rodrigues e Fernandes, 2006).

Para a avaliação do processo de estágio optei por realizar uma avaliação *on going*, durante a intervenção realizada, visto que deste modo seria possível avaliar de forma continuada todas as etapas do processo de estágio e, ao mesmo tempo, perceber o que estava menos bem, contribuindo para melhorar ou alterar a intervenção.

Capítulo III – O Concelho de Murça e o seu património educativo: o percurso do Estágio Curricular

Neste capítulo apresentamos o percurso do estágio curricular realizado na Câmara Municipal de Murça (CMM) no Projeto Raízes da Educação para o Futuro (REduF) e no recém-constituído Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da Educação (CITRIME-Murça), com ênfase na prática.

A escolha por este local de estágio deveu-se à perceção que tive de ser uma oportunidade de poder realizar atividades de natureza cultural e socioeducativas e/ou comunitárias, estar inserida numa equipa interdisciplinar e ter a possibilidade, pouco frequente, de participar na criação de um centro de memória. Além de poder dedicar-me a um campo específico, o do serviço educativo, participaria ainda das restantes atividades de investigação e organizativas, de discussão e implementação de uma estrutura cultural.

Neste sentido a escolha por este estágio específico permitiria participar num processo de desenvolvimento institucional e comunitário, de produção e acesso à cultura, em interação com ambientes formais e não formais de educação²¹.

3.1 A conhecer o território de Murça

A realização de um estágio curricular e a participação de um estagiário no Projeto REduF seria um contributo para a dinamização de atividades no CITRIME-Murça, para a pesquisa em Arquivos, para a recolha de memórias e artefactos, entre outros.

No mês de julho de 2019, antes mesmo do estágio curricular efetivamente começar, realizei trabalho de voluntariado em Murça por sugestão da Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras, orientadora do estágio. O objetivo era conhecer o contexto e ver se me adaptava. Nessa altura, juntamente com a Professora Maria Isabel Breia²², desenvolvi um conjunto de atividades intituladas “Brincar à Descoberta do Passado” destinado ao Campo de Férias 2019, promovido pela CMM.

No âmbito do projeto REduF, esta colaboração era estratégica de modo a estabelecer a ligação do futuro CITRIME-Murça com a comunidade e com o público escolar. Definimos, então, que o principal objetivo destas atividades era dar a

²¹Cf. Orientações para a elaboração do relatório mestrado em Ciências da Educação. FPCEUP. 2015, p.4. Retirado de https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2020&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_si_gla=M&pv_curso_id=815

²² A Professora Maria Isabel Breia é *stakeholder* do Projeto REduF, no ano de 2017/2018 supervisionou localmente duas estagiárias, Patrícia Teixeira e Susana Saborano.

conhecer às crianças a Escola do passado, do tempo dos seus avós e bisavós, de modo que existisse uma valorização sociocultural da mesma. Estas atividades tinham a finalidade de mostrar as diferenças entre as épocas, quais as condições de vida e de educação que existiam e, também, como é que se aprendia naquele tempo, quais eram os materiais que usavam e quais as brincadeiras que faziam.

No campo de férias participaram crianças e jovens do Agrupamento de Escolas de Murça, com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos. Uma das preocupações no planeamento destas atividades era que fossem adequadas às idades dos/as participantes. A única atividade que foi pensada para todos/as foi a visita à “Sala de outros tempos”²³, onde tiveram oportunidade de explorar o espaço, escrever em lousas com ponteiros e ver alguns dos livros da época. As restantes atividades foram adequadas às idades de cada grupo.

Os mais novos, entre seis e os oito anos, participaram em alguns jogos do passado, como o jogo do elástico, o jogo das pedrinhas e saltar à corda (anexo 1). Já os grupos com os/as jovens estiveram a praticar jardinagem, a mexer na terra com sachos e a juntar folhas com os engaços, ligando essas atividades aos conhecimentos de ciências (anexo 2). Estes últimos grupos tiveram oportunidade de ter contacto com os labores: enfiar a linha na agulha, deram alguns alinhavos em tecidos e aprenderam a pregar um botão (anexo 3), atividades que outrora se ensinavam na escola apenas às meninas²⁴.

Algumas crianças e jovens já conheciam os jogos que tínhamos planeados para eles/as por causa dos seus avós, no entanto, muitos/as não conheciam o edifício do CITRIME, onde ocorreram as atividades, mesmo estando próximo do Agrupamento de Escolas de Murça. Nunca tinham visitado o Centro nem a sala de outros tempos e todos/as refletimos sobre as diferenças entre a escolas dos seus avós e bisavós e a escola das crianças e jovens hoje.

Aquele foi um momento de aprendizagem e de formação para todos/as os/as envolvidos nas atividades, na medida em que as crianças e os jovens tiveram contacto com uma realidade diferente da deles/as, conhecendo como era a escola e a educação nas décadas de 1930 a 1970, que tipo de atividades faziam na escola e quem as fazia. Assim, as crianças e jovens adquiriram alguns conhecimentos acerca da educação em Portugal numa época que não era a deles/as, contribuindo para ampliar a sua noção de tempo.

²³ A sala de outros tempos, situada na antiga sala do sexo feminino, era constituída por elementos do século XX, tais como secretárias, mapas, livros, materiais didáticos, entre outros.

²⁴ Os labores como o pregar o botão, além de serem uma atividade do passado constituem-se em uma prática que contribui para o desenvolvimento da autonomia das crianças.

A participação no Campo de Férias 2019 foi o momento para conhecer o contexto onde viria a estagiar, a comunidade escolar e pensar possíveis atividades para realizar. Para além disto, permitiu divulgar o Projeto REduF e o CITRIME-Murça, na pretensão das crianças e jovens, por sua vez, compartilhassem com os pais e familiares as vivências realizadas.

Em outubro de 2019 foram negociadas as condições da estadia entre a Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras e a CMM. O protocolo foi assinado entre Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) e a CMM, onde ficaram estabelecidos os direitos e deveres das duas instituições, assim como os meus e, também, as condições que me seriam oferecidas: o alojamento e alimentação na Residência de Estudantes de Murça.

3.2 O estágio

O estágio começou dia 9 de outubro de 2019, quando cheguei a Murça e a Professora Maria Isabel Breia acompanhou-me até à Residência dos Estudantes. De seguida, fomos até ao edifício Adões Bermudes, onde está a funcionar o REduF e, onde conheci a Doutora Marcia Terezinha Cruz, a minha supervisora local. Já era possível ver que o Projeto REduF se estava a instalar pois, ao contrário de julho, já tinha uma receção montada para receber visitantes à “Sala de outros tempos”. No entanto, ainda não existiam outros espaços organizados e a receção tinha de ser partilhada por toda a equipa.

A atividade que estava em curso quando iniciei o estágio era a oficina “Herança Cultural, Educação e Comunidade” destinada à Formação Contínua de Professores de diferentes níveis de ensino do Agrupamento de Escolas de Murça sobre a temática de herança cultural. A oficina teve uma componente presencial teórica e uma prática de investigação acompanhada pela equipa científica do projeto REduF.

A formação foi composta por nove sessões²⁵ e teve como objetivo a formação de capital humano destinado a “(...) preservar e explorar a Herança Cultural regional;” (Projeto REduF, 2017). Acompanhei as três últimas sessões e preparei alguns documentos de organização, como por exemplo listas de presença.

Uma das atividades da oficina consistiu numa visita das professoras e educadoras ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje, em Bragança, um dos distritos abrangidos pelo Projeto REduF. O objetivo da visita foi dar a conhecer o património

²⁵ Sete sessões de formação, uma visita ao Museu Ibérico da Máscara e do Traje em Bragança, quatro sessões de monitorização dos trabalhos autónomos e uma sessão de encerramento, onde apresentaram os trabalhos dos grupos (Relatório Sintético de Avaliação: Oficina “Herança Cultural, Educação e Comunidade”, 2020).

cultural numa perspetiva transfronteiriça, tendo como foco os artefactos utilizados para as celebrações do solstício de inverno do nordeste de Portugal na ligação com Oeste de Espanha²⁶. Para além disso, visitamos uma iniciativa privada: Marron Oficina da Castanha, com um centro interpretativo sobre a castanha.

Na sessão de encerramento da oficina “Herança Cultural, Educação e Comunidade” foram apresentados os trabalhos autónomos produzidos pelas professoras e educadoras²⁷. Estes trabalhos, no seu conjunto muito interessantes, foram importantes tanto para mim como para o Projeto REduF, pois possibilitaram um conhecimento acerca do contexto, da comunidade e das suas tradições. Foram momentos formativos enriquecedores, que envolveram a colaboração dos/as professores/as e alunos na recolha de memórias e património.

Sendo também uma das atividades propostas pelo Projeto REduF (2017) a realização de congressos que visam a divulgação especializada do conhecimento produzido e o reforço de laços regionais e internacionais de investigação, no dia 25 de outubro de 2019, decorreu em Murça, o II Colóquio Internacional de Educação, Herança Cultural e Desenvolvimento, com o tema Património e Comunidade.

A organização local/secretariado do colóquio, da qual fiz parte, contou com o apoio da CMM, do grupo promotor do Centro de Memória da Educação de Murça, em colaboração com o Grupo de Trabalho História da Educação, Herança Cultural e Museologia, da FPCEUP e teve como entidades parceiras a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e o Instituto de Educação da Universidade do Minho (UMinho).

Estando integrada na organização local apoiei tarefas como a produção de materiais para a divulgação do Colóquio, a elaboração das apresentações dos palestrantes, momentos artísticos do Colóquio, elaboração de um questionário de satisfação para distribuir aos participantes do Colóquio, com o intuito de obter a sua apreciação acerca do evento, receber sugestões e opiniões sobre o que correu bem e menos bem, ou seja, uma avaliação do Colóquio.

²⁶ Tiza, António P. (2013). *Máscara e Danças Rituais: Ritos ibéricos do solstício de Inverno*. Lisboa: Eranos

²⁷ Os trabalhos realizados pelas formandas foram: “**As memórias de um Povo contra a alavanca da tecnologia**” (Síntese: “Recolha de canções e brincadeiras antigas (cantigas de roda/jogos) do Concelho de Murça, a partir das memórias de Maria de Lourdes Monteiro e execução prática com 68 alunos/alunas dos 3o e 4o anos.”); “**Memórias da professora primária Adulcínia Correia. O que ficou do que fui**” (Síntese: “Recolha das memórias de professora primária que atuou em diferentes aldeias do Concelho de Murça e do Distrito de Bragança, realizada por meio de entrevista semiestruturada, assim como, recolha de registos fotográficos dessa atuação.”); “**Glossário de Termos do Concelho de Murça**” (Síntese: “Recolha intergeracional de termos em diversas aldeias do Concelho, mediante entrevista semiestruturada realizada pelos alunos aos seus familiares (avós, pais, tios.)” e “**Memórias de uma Regente Escolar**” (Síntese: “Pesquisa objetivando levantar aspetos da trajetória de vida de uma regente escolar de Murça, entre as décadas de 1950-1960.”) (Relatório Sintético de Avaliação, 2020).

Para além de fazer parte da organização local, também participei, juntamente com a Professora Maria Isabel Breia, na “Roda de Conversa: Crianças e Jovens perante a Herança Educativa: o Campo de Férias 2019”. Este momento consistiu numa conversa e reflexão com quatro crianças que interagiram mais durante as atividades do Campo de Férias.

A roda de conversa foi moderada por um representante da CMM, o Dr. José Moutinho, responsável pela organização do campo de férias. Eu e a Professora Maria Isabel Breia pedimos aos participantes que contassem um pouco sobre o que experienciaram. Esta atividade contou, também, com comentários da Professora Doutora Alice Duarte, elemento da equipa científica do Projeto REduF.

Este momento no colóquio permitiu mostrar ao público o tipo de atividades que podem ser desenvolvidas no CITRIME-Murça e o trabalho que se estava a realizar com a comunidade no âmbito da preservação da herança cultural e educativa, para além de ser uma forma de divulgação do Projeto REduF e do CITRIME-Murça.

Durante o II Colóquio Internacional de “Educação, Herança Cultural e Desenvolvimento: Património e Comunidade” foi inaugurada a exposição “Escolas Conde Ferreira: marco histórico da instrução pública em Portugal” sendo necessário divulgá-la pelas escolas dos distritos de Vila Real e Bragança. Assim, foram realizados vários contactos com as escolas via telefone e via e-mail para marcar reuniões com os/as diretores/as para a divulgação da exposição, do CITRIME-Murça e do Projeto REduF. Estabelecer estes contactos com todas as escolas causou alguns constrangimentos, na medida em que muitas das escolas não nos podiam receber.

Das reuniões que conseguimos agendar, com o Agrupamento de Escolas Diogo Cão, em Vila Real, o Agrupamento de Escolas de Valpaços, o Agrupamento de Escolas de Vila Pouca de Aguiar e na Escola Miguel Torga, em Sabrosa, os diretores com os quais conversamos mostraram-se interessados e admirados por existir um centro de memória em Murça, no entanto, nem eles, nem os professores dessas escolas chegaram a estabelecer contacto com o CITRIME-Murça para o visitar ou para realizar visitas de estudo com os/as alunos/as, possivelmente, por ser final do período letivo e altura de avaliações finais.

Na Vila de Murça, a exposição também foi publicitada e mantidos contactos com a comunidade local e escolar. Foram realizadas várias visitas guiadas pela equipa à exposição “Escolas Conde Ferreira: marco histórico da instrução pública em Portugal” (apêndice 1) a professores, pessoas da comunidade, turmas do ensino profissional, da Escola EB2,3 e EPM e a um

grupo de estudantes de intercâmbio da Escola Secundária de Murça, no âmbito do Clube Europeu²⁸, como pode ser observado na figura a seguir (figura 7):

Figura 7. Visita guiada ao grupo de estudantes de intercâmbio da Escola Secundária de Murça, no âmbito do Clube Europeu.



Fonte: CITRIME-Murça

Para a realização destas visitas colaborei na elaboração de um roteiro (apêndice 2) e materiais de apoio, como por exemplo etiquetas com a identificação dos objetos para colocar nas vitrines. Em todas as visitas a equipa teve sempre a preocupação com a comunicação, o tipo de linguagem e material de apoio à exposição adequado a cada público²⁹.

Com o grupo de estudantes de intercâmbio existiu a preocupação de fazer a visita em inglês, visto que era a língua que percebiam. Todos os materiais de apoio foram traduzidos para inglês. Os/As responsáveis pela visita guiada tiveram o cuidado de treinar a língua comum aos/às alunos/as para que a visita corresse da melhor forma. A acompanhar estes visitantes de intercâmbio estavam os/as professores do Agrupamento de Escolas de Murça que durante a atividade tiveram uma participação ativa, a fazer a tradução de algumas palavras e a explicar o seu significado no contexto da cultura de Portugal e de Murça.

²⁸ Este processo será detalhado no Capítulo IV.

²⁹ Para conhecer em detalhe ver Capítulo IV.

Para o planeamento de atividades a equipa local³⁰ realizou reuniões semanais, nas quais eram sugeridas ideias para atividades a realizar no centro de memória e reuniões com a coordenadora do projeto REduF, a Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras, para discutir em que medida essas ideias seriam exequíveis, qual a logística necessária, os materiais, os participantes, a duração da atividade.

Uma das ideias que surgiu destas reuniões foi intitulada “Conversas com História”, que consistiu numa atividade intergeracional entre séniores e crianças, composta por uma visita guiada à exposição “Escolas Conde Ferreira: Marco Histórico da Instrução Pública em Portugal”, seguida de uma roda de conversa, de um momento musical e um pequeno lanche a todos/as.³¹ (Nota de Terreno, 23 de janeiro de 2020 – apêndice 3).

Esta atividade foi filmada e fotografada e, portanto, foi necessário redigir, entregar e recolher assinado o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento/Utilização de Fotografia e Imagem”, para todos os/as participantes, para se obter autorização para realizar a atividade e utilizar elementos no Relatório. O Termo de Consentimento Informado para as crianças (apêndice 4) foi diferente do dos séniores (apêndice 5), visto que teriam de ser os/as encarregados de educação a dar este consentimento.

Depois da exposição sobre as Escolas Conde Ferreira, esteve patente no CITRIME a exposição “Luces de Alén Mar: Escola de Americanos na Galicia”, uma colaboração entre a Xunta de Galicia e o Consello de Cultura Galega e o REduF e CMM. Particpei na montagem das duas exposições. Este é um processo que exige reflexão, para que os painéis/artefactos não percam o sentido. É necessário que esteja bem sinalizada e com informação suficiente para que o público tenha uma experiência enriquecedora durante a visita. As exposições são “(...) sempre uma proposta organizada de conhecimento” de onde resulta um “diálogo estabelecido entre o visitante e as peças expostas” (Felgueiras, 2000:69).

Foi possível realizar uma visita guiada a um grupo de jovens Missionários da “Missão País 2020” que estiveram em Murça. Após esta visita a exposição teve de ser suspensa devido à pandemia da Covid-19. Tal como na exposição anterior foi necessário elaborar materiais de divulgação, como panfletos, cartazes (apêndice 6), e de apoio para a realização da visita.

Para além das atividades no Serviço Educativo do CITRIME-Murça, participei na investigação histórica sobre a educação em Murça e na região, Fundo de Educação do Arquivo Distrital de Vila Real. Esta investigação realizada no arquivo teve como objetivos

³⁰ A partir do dia 15 de outubro de 2019 a Dra. Susana Saborano passou a integrar a equipa.

³¹ Esta atividade será detalhada especificamente no Capítulo IV.

fazer um levantamento das escolas primárias do século XIX e XX, conhecer o processo educativo relativo aos mesmos séculos na região do Alto Douro e Trás-os-Montes, com foco específico em Murça, onde o Projeto REduF está sediado.

Tendo em conta a dinâmica de funcionamento do Projeto REduF, conforme descrito no Capítulo I deste relatório, há a previsão de reuniões mensais com a equipa científica, alternando entre Murça e o Porto. Tive a oportunidade de participar numa reunião, em janeiro de 2020, na qual foi feito o ponto de situação do projeto, os avanços e o que ainda era preciso fazer para atingir as metas e objetivos. Também, foi discutido o Planeamento de Ações para 2020.

Considerando que um dos objetivos do REduF prevê “a salvaguarda do património escolar edificado, móvel e imaterial enquanto recurso endógeno da região” (Projeto REduF, 2017) participei em visitas a algumas escolas³² das freguesias do Concelho de Murça desativadas desde o ano letivo 2005/2006, para conhecer quais as condições em que se encontravam (estado de conservação, tipo de arquitetura, época de construção), para se compor um primeiro catálogo fotográfico, que pudesse ser partilhado com toda a equipa científica. As visitas também tinham como objetivo verificar a existência de material (mobiliário, dossiês, livros, entre outros) com interesse para ser recolhido, preservado e estudado.

As nossas visitas e realização de registos fotográficos ocorreram a 33 edifícios de um total de 36, não nos sendo possível fotografar o Agrupamento de Escolas e o Centro Escolar pelas restrições impostas pelo Covid-19, nem o Jardim de Infância Amarelinho, por ser o local de isolamento da Vila de Murça.

Estas visitas contribuíram para mais uma etapa da organização dos espaços do CITRIME-Murça, na medida em que foi recolhido mobiliário do século XXI (cadeiras, secretárias, estantes e armários) existente em todas as escolas em várias quantidades, em bom estado. Assim foi possível montar os escritórios da equipa de investigação e a copa, que é um ponto de apoio para as atividades do Serviço Educativo, como foi o exemplo do lanche das “Conversas com História”.

No Centro Escolar, em funcionamento na Vila de Murça, foi recolhido mobiliário (cadeiras para crianças, mesas pequenas, *puffs*, entre outros) que passou a mobilar o espaço para as atividades do Serviço Educativo.

Paralelamente ao planeamento e execução de atividades, o estágio curricular permitiu a minha participação num evento científico internacional: “Congresso Iberoamericano de História da Educação. Revolução, Modernidade e Memória. Caminhos da História da Educação” através da elaboração de um artigo relativo à

³² As escolas que visitamos foram as das freguesias de Jou, de Valongo de Milhais, de Fiolhoso, de Candedo, da União de freguesias de Carva e Vilares e da União de freguesias de Noura e Palheiros.

comunicação intitulada “A Memória como protagonista na Visita ao Centro de Memória da Educação de Murça”³³. Também participei na elaboração de uma notícia sobre o Campo de Férias de Verão 2019 publicada no Jornal “O Berrão”, do Agrupamento de Escolas de Murça³⁴.

Também participei no pensar/planear de atividades que não foram realizadas devido à pandemia da Covid-19 e que deveriam envolver várias secções e instituições da comunidade, com diferentes faixas etárias e interesses.

Este foi o caso do Campo de Férias da Páscoa 2020, que deveria ter ocorrido no período de 30 de março a 9 de abril, para o qual foram planeadas quatro atividades para os grupos do campo de férias (apêndice 7). A primeira atividade envolvia jogos tradicionais, e os objetivos eram conhecer e recuperar as tradições populares e criar um sentimento de identidade com a comunidade em que se inserem. A segunda atividade consistia na jardinagem para criar o sentido de responsabilidade e para as crianças e jovens perceberem como antigamente se cuidava da horta na escola. Uma visita à exposição “Luces de Alén Mar” traduzia-se na terceira atividade, que tinha como objetivos proporcionar atividades de descoberta, questionamento e desenvolver o sentido crítico. Por fim, a quarta atividade denominada “Reencontro com as tradições da Páscoa”, que permitia conhecer e recuperar as tradições populares relacionadas com esse período de festividades religiosas.

Para além desta, foi pensada uma atividade intergeracional, que deveria envolver a Associação dos Amigos de Murça (AAM) e os/as alunos/as do Clube de Robótica do Agrupamento de Escolas de Murça. Esta consistia numa visita à exposição que estivesse a ser exibida no momento, seguida de uma entrevista feita pelos/as os/as alunos/as do Clube aos membros da AAM.

Por fim, uma atividade que se pretendia realizar seria com os/as idosos/as das freguesias do Concelho de Murça e com um grupo de jovens da catequese, com o objetivo de partilha de histórias entre as duas gerações. A escolha do grupo de jovens da catequese baseou-se no mapear de grupos existentes, organizados, com o objetivo de conseguirmos chegar aos diferentes grupos sociais que existem na comunidade em que o CITRIME-Murça está inserido e, também, para que todos estes grupos ficassem a conhecer esta instituição.

³³ O artigo foi elaborado juntamente com a Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras e a Dra. Susana Saborano. O evento deveria ter ocorrido entre 20 e 23 de julho de 2020. No entanto, devido à pandemia da Covid-19, o evento foi adiado para 20 a 23 julho de 2021 e, por isso, as atas ainda não foram publicadas oficialmente.

³⁴ Notícia elaborada juntamente com a Professora Maria Isabel Breia.

A participação no planeamento e execução das atividades anteriormente mencionadas e os desafios que estas trouxeram permitiram adquirir conhecimentos acerca da comunidade, dos seus interesses e do contexto.

Capítulo IV – Entre “conversas...” e “histórias...”: o CITRIME – Murça como espaço intergeracional

O objetivo deste capítulo é refletir acerca do CITRIME-Murça como um espaço de encontro intergeracional, com ligação aos objetivos do Projeto REduF, do Estágio Curricular e tendo em conta a atuação do serviço educativo em instituições culturais situadas em pequenas comunidades, como é o caso de Murça: um concelho no interior norte de Portugal, em desertificação com uma população maioritariamente envelhecida.

Assim, torna-se importante recordar que a animação sociocultural³⁵ dos espaços do CITRIME-Murça, no âmbito do Projeto REduF, teve início mesmo antes da sua institucionalização, através da exposição “Escolas Conde Ferreira: marco histórico da instrução pública em Portugal” inaugurada a 25 de outubro de 2019.

Esta atividade foi resultado da parceria entre o REduF, a Câmara Municipal de Murça (CMM) e a Assembleia Municipal de Sesimbra (AMS) e inseriu-se na programação do II Colóquio Internacional de Educação, Herança Cultural e Desenvolvimento: Património e Comunidade. Ao tratar das Escolas Conde Ferreira a exposição, fruto de um projeto de investigação levado a cabo pela AMS³⁶, tinha o potencial de evocar a memória afetiva de alunos/as que frequentaram a escola primária.

No caso de Murça, que não teve nenhuma escola construída da tipologia “Conde Ferreira”³⁷ (Graça & Felgueiras, 2009), a exposição representava uma mais-valia para a população local, no sentido de dar a conhecer o contributo de beneméritos na dinamização do sistema educativo em Portugal. A exposição dava corpo à realização de objetivos do Projeto REduF (2017) relativamente à reutilização do espaço, à disseminação de bens culturais e à promoção da coesão sociocultural³⁸.

Esse movimento de animação sociocultural foi mantido nos meses seguintes e considerando a dimensão transfronteiriça do REduF, o CITRIME-Murça acolheu de 14 de fevereiro a 31 de março de 2020 a exposição: “Luces de Alén Mar: Escola de Americanos na Galicia”, vinda de Santiago de Compostela.

³⁵O termo animação sociocultural aqui utilizado é entendido como “um conjunto de práticas sociais que têm como finalidade estimular a iniciativa, bem como a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que estão integrados” (UNESCO (s/d), in Lopes, 2011:73).

³⁶Projeto sobre as Escolas Conde Ferreira que foi um estudo da Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras e da Presidente da Assembleia Municipal de Sesimbra, a Dr^a. Odete Graça. Este estudo resultou na publicação do livro “Escolas Conde de Ferreira: um marco histórico da instrução pública em Portugal” (2009) e numa exposição com o mesmo título.

³⁷Graça, Odete & Felgueiras, Margarida (2009). *Escolas Conde Ferreira: Marco histórico da instrução pública em Portugal*. Portugal: Assembleia Municipal de Sesimbra.

³⁸A escolha desta exposição recaiu sobre o facto de o REduF estando na fase inicial da investigação ainda não ter produtos que resultassem numa exposição.

Como parte das atividades do serviço educativo, em fase de implantação, as exposições “Escolas Conde Ferreira” e “Luces de Alén Mar” foram divulgadas por meio de cartazes afixados em locais estratégicos da Vila de Murça, considerando que o CITRIME-Murça ainda não tinha uma página web ou outro tipo de meios para realizar a divulgação. Foram organizadas e realizadas visitas guiadas voltadas à apresentação das exposições.

A metodologia utilizada para a realização dessas visitas foi composta de um momento de acolhimento, no qual era feita uma apresentação do Projeto REduF, do CITRIME-Murça e da equipa. De seguida, dava-se início à visita guiada, onde era apresentado o conteúdo da exposição, tendo em conta o tipo de público. Entende-se por visita guiada “(...) um percurso, físico, conceptual e emocional, realizado por um ou mais visitantes acompanhados por um guia que privilegia o diálogo na promoção da interpretação de determinadas matérias;” (Silva, 2011:3).

Como suporte à visita, a equipa científica do REduF elaborou uma folha de sala³⁹, que dava a conhecer aos/às visitantes, seus familiares quem produziu a exposição, uma breve explicação do que esta tratava e como estava organizada no espaço em se encontrava patente.

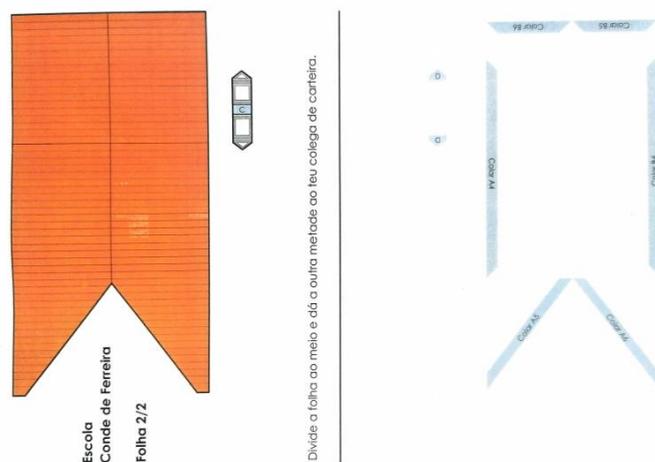
O público juvenil escolar local e de intercâmbio internacional, por sua vez, contou com uma estratégia diferenciada na elaboração da Folha de sala, que teve por objetivo despertar o interesse e a curiosidade através de uma linguagem escrita bilingue e visual, que convidava o visitante a “ir à descoberta” da exposição, da ação de beneméritos e da educação em Portugal.

Para este grupo etário foi distribuído uma reprodução da planificação de uma Escola Conde Ferreira, que podia ser recortada e montada para formar uma maquete da escola em papel. Esta reprodução foi a utilização de um produto da participação portuguesa, coordenado pela Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras no projeto EUBUIDIT⁴⁰, tal como pode ser observado nas figuras abaixo (figuras 8 e 9):

³⁹Segundo o Projeto REduF “A implementação do CITRIME inclui a elaboração de produtos culturais de apoio à exposição, divulgação de actividades educativas (...)”.

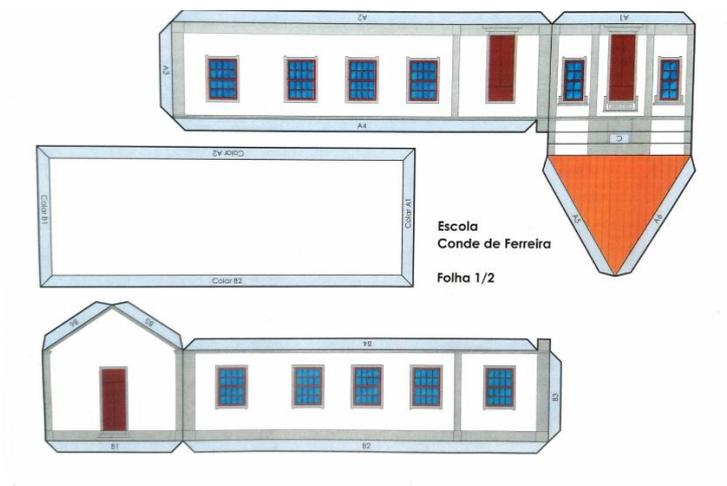
⁴⁰European Project “EUBUILDIT - European Buildings and Information Technologies - Buildings – Testimony of European Cultural Heritage”. Funded by the European Commission through Comenius II - 226371-CP-1-2005-1-DE-COMENIUS-C 21. Project Coordination: Rainer Blasius do Mediazentrum Kaiserslautern, Germany. Participation of the universities of Helsinki, Warwick, Santiago de Compostela, Coimbra and Porto. Researcher and coordinator of Portuguese theme “Educational Buildings”. (2005-2008).

Figura 9. Impressão da estrutura da Escola Conde Ferreira para ser recortada e montada a formar uma maquete da escola em papel.



Fonte: Projeto EUBUIDIT coordenado pela Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras

Figura 8. Impressão da estrutura da Escola Conde Ferreira para ser recortada e montada a formar uma maquete da escola em papel.



Fonte: Projeto EUBUIDIT coordenado pela Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras

Para todos os grupos etários, a atividade terminava com uma despedida, durante a qual era solicitado aos visitantes que deixassem no livro de visitas a sua opinião acerca da exposição e a experiência vivenciada no CTRIME-Murça. A utilização do referido livro possibilitou a quantificação e o estabelecimento de um macro perfil inicial dos visitantes e das suas expectativas relativamente ao CTRIME-Murça, de modo a orientar futuras atividades a serem programadas.

No período de 25 de outubro de 2019 a 22 de janeiro de 2020, entre participantes do Colóquio Internacional de Educação, Herança Cultural e Desenvolvimento:

Património e Comunidade, professores/as da oficina de formação: “Herança Cultural, Educação e Comunidade”⁴¹, comunidade local, turistas estrangeiros (Brasil e Inglaterra), alunos/as do ensino profissional do Agrupamento de Escola de Murça e alunos/as de intercâmbio da Alemanha e da Finlândia, puderam conhecer a exposição “Escolas Conde Ferreira” 76 visitantes.

Uma vez consolidados os dados relativos aos dois primeiros meses em que a exposição “Escolas Conde Ferreira” esteve patente foi possível verificar que circularam adolescentes, jovens, adultos e seniores – não se verificando a visita por parte de crianças – porém, as visitas ocorreram sempre em grupos etários homogêneos, verificando-se que até então não tinha existido um encontro entre diferentes faixas etárias (Livro de visitas, 2019/2020).

Em conversa, as equipas do CTRIME-Murça e do Projeto REduF chegaram ao consenso de que havia a necessidade do desenvolvimento de uma atividade intergeracional de encerramento da exposição, que simultaneamente possibilitasse uma aproximação dos objetivos do REduF, a utilizar “(...) o potencial criativo do património simbólico de todas as gerações (...)” (Projeto REduF, 2017) e os do Estágio Curricular (em que o foco seria o centro de memória como um espaço de encontro intergeracional). Assim surgiu a atividade “Conversas com História”.

4.1 Planeamento das “Conversas com História”

Tendo em conta ser a primeira vez que uma atividade intergeracional estava a ser programada, esta seria uma forma de dar a conhecer o CTRIME-Murça, de ganhar a confiança da comunidade e, também, de testar a atividade e perceber se resultaria e se seria bem aceite pelo público⁴².

A escolha do nome “Conversas com História” contou com o contributo da *stakeholder* do Projeto REduF, Professora Maria Isabel Breia, e a técnica da CMM, Sílvia Teixeira⁴³, pois conheciam as atividades anteriormente realizadas no Município, como por exemplo: o “Chá com Livros” do Agrupamento de Escolas Murça e a “Hora do Conto” da Biblioteca Municipal de Murça. Era importante que o título fosse diferente, de

⁴¹Os professores estavam a frequentar a oficina de formação: “Herança Cultural, Educação e Comunidade” tinham de realizar processos de monitorização no âmbito do trabalho autónomo. Durante estes processos ocorriam visitas à exposição. A formação de capital humano insere-se nos objetivos do REduF com a finalidade de “(...) preservar e explorar a Herança Cultural regional;” (REduF, 2017)

⁴²O público tinha sido pensado pela equipa do CTRIME-Murça em conjunto com a equipa científica.

⁴³Sílvia Maria Alves Teixeira. Começou a colaborar com o Projeto REduF e foi destacada para o CTRIME-Murça a partir do dia 7 de janeiro de 2020. Antes trabalhava na Biblioteca Municipal de Murça, onde dinamizou e participou na elaboração de várias atividades do Município.

modo a destacar-se das restantes atividades e ligar-se simultaneamente com a comunidade.

Considerando que um dos objetivos do REduF é “(...) a recolha das tradições educativas e escolares regionais, a história oral (...)” (Projeto REduF, 2017), a atividade deveria contemplar a recolha de experiências e vivências de elementos da comunidade, assim como obter opiniões sobre outras atividades que o público preferisse que fossem realizadas no CTRIME-Murça e que viessem a colaborar na construção da programação do serviço educativo.

Pretendia-se que o público fosse masculino e feminino, indo ao encontro dos objetivos do Projeto REduF de conhecer as tradições educativas da comunidade como um todo. A importância da participação feminina devia-se, ao facto de segundo estudos realizados no âmbito do Projeto REduF, a literatura memorialística referente a Murça se constituiu de relatos, predominantemente masculinos. Segundo Cruz (2021):

“Não há registo que se saiba, (...), das memórias, dos saberes e das práticas femininas: o educar aos filhos, os ofícios de donas de casa, as manualidades, o fiar e o tecer, o cozer culinário da região, a contribuição feminina na lavoura e nas vindimas, a devoção e a vida religiosa, dentre outros.” (Cruz, 2021:6)

Tendo em conta os objetivos definidos para a atividade, surgiu a questão: qual seria o melhor público?

Para a escolha do público foram estabelecidos critérios. Era necessário que públicos de faixas etárias diferentes tivessem disponibilidade no mesmo horário; tempo livre para participar noutras atividades e que permitisse a envolvimento de um maior número de instituições locais na recolha de saberes, conforme previsto no Projeto REduF (2017).

Chegou-se à conclusão de que seriam a Universidade Sénior⁴⁴ e o Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia. Esta escolha ocorreu tendo em vista o facto de os/as alunos/as da Universidade Sénior serem pessoas já reformadas, com tempo disponível e que podiam partilhar saberes e experiências. Também o facto de participarem na atividade durante o horário letivo e no âmbito da disciplina “Culinária, Artesanato e Tradições Locais”⁴⁵, permitiu que existisse uma maior aderência na atividade do que se participassem individualmente. Quanto ao Jardim de Infância da

⁴⁴ A Universidade Sénior tem cerca de 60 alunos/as inscritos/as e tem como disciplinas: Música/Tuna, Cavaquinhos; Educação Física; Hidroginástica; Saúde e Dança; Informática; Teatro; Pintura; Culinária, Artesanato e Tradições Locais.

⁴⁵ Na disciplina “Culinária, Artesanato e Tradições Locais”, os/as alunos/as fazem compotas, licores, bolos, aprendem a cozinhar com sobras alimentares. Também realizam pinturas em tecidos, garrafas, alfinetes de peito em tecido e são responsáveis pela decoração dos espaços quando se organizam eventos. Para além disto, organizam visitas a aldeias com o objetivo de encontrar tradições e mantê-las vivas. O lema desta disciplina é zero desperdício e a reciclagem.

Santa Casa da Misericórdia, este é um estabelecimento de ensino que tem mais flexibilidade de horários, ao contrário de outros anos curriculares.

Escolhidos os públicos, o passo seguinte foi sondar a possibilidade de participação e realizar o convite formal para a atividade e, conseqüentemente, saber quantos iriam participar, a fim de fazer uma listagem do tipo e quantidade de recursos materiais (documentos, cadernos de atividades, folhas de sala, cadeiras, materiais para servir o lanche, entre outros) necessários para a realização da mesma.

A programação das “Conversas com História” deveria despertar o interesse do público e começaria com o acolhimento dos/as alunos/as da Universidade Sénior, onde seria feita a apresentação relativa à organização da atividade. De seguida, realizariam uma visita guiada à exposição, momento escolhido para que estes/as relembassem os seus tempos de escola em Murça, pois encontravam-se na escola que tinham frequentado.

Após a visita guiada, seria o momento da roda de conversa que tinha como objetivo recolher as vivências da escola primária por parte dos/as alunos/as da Universidade Sénior e as suas opiniões acerca de futuras atividades. Como este momento teria uma duração prolongada não era indicado que os/as alunos/as da Universidade Sénior ficassem em pé. Para tal, foram utilizadas cadeiras dispostas em forma circular. Esta disposição pretendia que os participantes se sentissem acolhidos e confortáveis durante a realização da atividade. Estes ocupariam lugares intercalados com os utilizados pela equipa do CTRIME-Murça e as mediadoras.

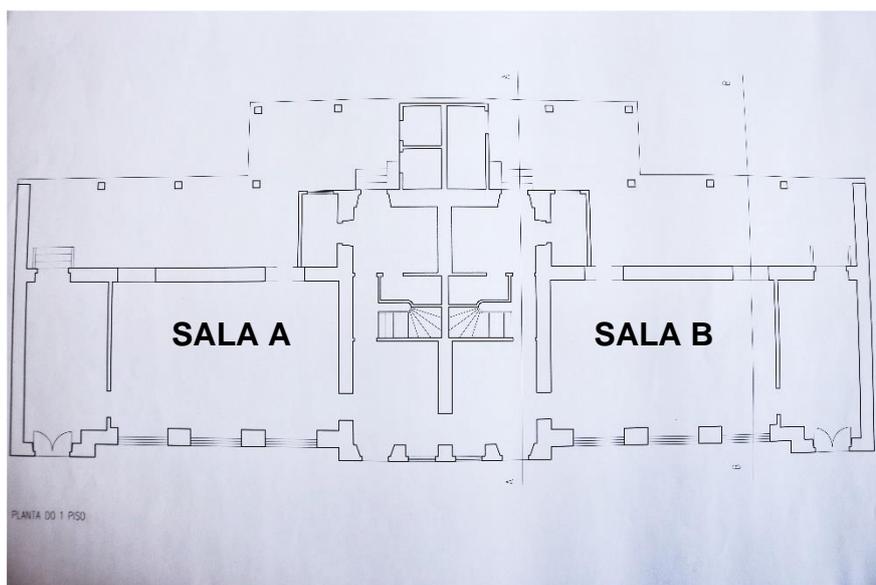
O momento seguinte na programação da atividade seria a surpresa preparada pelas crianças do Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia, que comporia o momento intergeracional. Seriam cantadas músicas por parte das crianças. Para terminar as “Conversas com História”, teríamos um convívio com um lanche oferecido pelo CTRIME-Murça, tal como é possível observar na tabela a seguir (tabela 1):

Tabela 1: Tabela com a síntese do planeamento

Séniore		Crianças	
Acolhimento	Apresentação do REduF, das instituições parceiras, do CMEM e da equipa	Acolhimento	Breve apresentação do CMEM e da exposição
Visita guiada à exposição	Criação de interesse pela temática		
Roda de conversa – Mediação	Experiências vivenciadas, recolha de sugestões, manifestação de disposição para participar em atividades do CMEM	Mediação	Educadoras e auxiliares de ação educativa
Atividade intergeracional	Canções e danças entre séniores e crianças	Atividade intergeracional	Canções e danças entre séniores e crianças
Despedida	Convívio e lanche	Despedida	Convívio e lanche
Sugestões	Envio de sugestões de atividades	Caderno de Atividades	A ser realizado no Jardim de Infância

A atividade seria realizada em dois espaços do CTRIME-Murça. A exposição seria iniciada na sala A e terminaria na sala B, onde se dava início à roda de conversa. Enquanto os/as alunos/as da Universidade Sénior se encontrariam na sala B, as crianças chegariam e dirigiram-se para a sala A, onde seriam acolhidas, aconteceria a surpresa e o convívio. A arquitetura do edifícios, com os espaços intermédios entre estas duas salas permitia separar os públicos, de forma a manter o elemento surpresa, tal como se pode observar na figura a seguir:

Figura 10. Planta do Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço, Inter-regional de Memória da Educação de Murça.



Fonte: Divisão de Obras Municipais, Equipamentos e Infraestruturas da Câmara Municipal de Murça.

As atividades poderiam ter sido realizadas noutros espaços do CTRIME-Murça, como a cantina e o recreio, que também permitiriam o relembrar das memórias da escola primária por parte dos/as alunos/as da Universidade Sénior. No entanto, como as “Conversas com História” seriam realizadas no Inverno, optou-se pelas salas de aulas no interior do edifício.

Realizados todos os contatos e com a concordância dos responsáveis das duas instituições, de antemão soubemos que teríamos um público estimado de 27 séniores e 17 crianças. No final, efetivamente, compareceram 13 alunos da Universidade Sénior, dez mulheres e três homens, acompanhados pela representante do Município, e 15 crianças do Jardim de Infância: 11 meninas e quatro meninos, acompanhados pela educadora e por duas auxiliares de ação educativa. Ao todo participaram na atividade 42 pessoas, entre membros da equipa do CTRIME-Murça e do Projeto REduF, colaboradores, seniores e crianças.

Quando as crianças do Jardim de Infância foram convidadas para as “Conversas com História” foi pedido à sua educadora que preparassem uma surpresa para os/as alunos/as da Universidade Sénior, escolhendo duas canções para interpretar. No final da atividade seria entregue às crianças um caderno de atividades que seria construído com o objetivo de estas levarem uma recordação da tarde passada nas “Conversas com História”, mas também como forma de divulgação do CTRIME-Murça para os pais.

As atividades escolhidas para preencher o caderno tinham a finalidade de envolver o CTRIME-Murça e indicar a sua localização. As atividades foram apropriadas à faixa etária em questão. Estas envolviam animais – abelha e coelho – atividades de lógica como a criação de um desenho pela conexão de pontos seguindo uma ordem numérica; exercícios de desenho sobre o que vivenciaram no CTRIME-Murça e de encontrar diferenças e colorir com a utilização de lápis de cor.

Diversas instituições foram convidadas a contribuir para a realização das “Conversas com História”. Para registar a atividade por fotografia e vídeo contamos com a colaboração de dois estudantes do curso Técnico de Fotografia da Escola Profissional de Murça⁴⁶. A Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa em Murça auxiliou com o empréstimo de cadeiras para os convidados. A Biblioteca Municipal de Murça contribuiu com materiais destinados à distribuição do lanche, que foi oferecido pela equipa local do REduF/CITRIME-Murça.

Tendo a confirmação positiva por parte dos convidados, das instituições que iriam colaborar e o planeamento concluído, seguiu-se o momento da realização das “Conversas com História”.

4.2 Execução das “Conversas com História”

As “Conversas com História” realizaram-se no dia 23 de janeiro de 2020, pelas 15h no CITRIME- Murça.

Estiveram presentes na atividade todos os cinco elementos da equipa local do REduF/CITRIME-Murça, que planearam e dinamizaram a atividade.⁴⁷ A Coordenadora do Projeto REduF e uma investigadora da equipa científica⁴⁸ vieram do Porto com objetivo de auxiliar a equipa local a conduzir o momento da conversa com os/as alunos/as da Universidade Sénior. Este foi também um momento de formação para a equipa local, já que era uma prática para a qual não tinham experiência.⁴⁹

Os/As alunos/as da Universidade Sénior chegaram ao CITRIME-Murça onde foram recebidos pela equipa local, que dinamizou a atividade. No momento do

⁴⁶ O Projeto REduF estabeleceu um protocolo com a Escola Profissional de Murça.

⁴⁷ A equipa do local do REduF/CITRIME-Murça, constituída por cinco pessoas, nesta atividade foi dividida em duas subequipas. Uma constituída por três membros que acompanhou a roda de conversa e a outra, com dois elementos que, enquanto este momento decorria, receberam as crianças do Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia.

⁴⁸ A Professora Doutora Alice Duarte é professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutorada em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa é especializada em Antropologia das Sociedades Complexas. Pertence à equipa Científica do Projeto REduF.

⁴⁹ O momento de aprendizagem da equipa local na roda de conversa vai de encontro ao objetivo “Formar capital humano” (REduF, 2017) do Projeto REduF.

acolhimento foi realizada uma apresentação do Projeto REduF, das instituições parceiras do Projeto, do CITRIME-Murça e uma apresentação da equipa.

De seguida, foi realizada uma visita guiada à exposição “Escolas Conde Ferreira” conduzida pela bolsista⁵⁰ do Projeto REduF e pela estagiária da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto no Projeto REduF, sendo entregue aos/às alunos/as da Universidade Sénior a folha de sala relativa à exposição.

O momento seguinte da programação foi a roda de conversa com os/as alunos/as da Universidade Sénior, que aconteceu na sala B. Os seniores sentaram-se conjuntamente com os membros da equipa local e as mediadoras da equipa científica⁵¹, as quais motivaram e conduziram o diálogo, de modo a que os participantes tivessem tempo para partilhar as suas vivências da escola primária.

No início da conversa foi pedido que se apresentassem, dizendo o nome, idade, localidade e profissão e que falassem um pouco sobre as memórias da sua vida escolar. Num outro momento da conversa foi-lhes perguntado que outras atividades gostariam de ver realizadas, se participariam noutras atividades no CITRIME-Murça e como poderiam contribuir.

A roda de conversa durou cerca de 1h30. Os seniores falaram um pouco sobre as suas vivências na escola primária, sugeriram formas de divulgação de atividades culturais que chegassem mais facilmente à comunidade e algumas atividades a realizar no CITRIME-Murça.

Enquanto decorria a roda de conversa, as crianças, que chegaram no autocarro Santa Casa de Misericórdia, foram recebidas por dois membros da equipa local, que as acolheram até ao momento da atividade surpresa. Durante este período foi-lhes dado a conhecer a história do CITRIME-Murça e de que se tratava aquela exposição.

Tendo em conta as suas idades, entre os quatro e cinco anos, a linguagem utilizada foi adequada a esta faixa etária. O CITRIME-Murça foi apresentado através de associações, isto é, ligando aquele lugar a uma escola e esta à escola dos seus avós. O mote para a explicação da exposição foi o retrato do Conde Ferreira, que fazia parte dos objetos da exposição, visto ter sido um aspeto que suscitou a curiosidade das crianças.

Pode-se considerar o retrato como um tipo de “tema gerador” (Freire, 1985), ou seja, foi o “(...) ponto de partida para o processo de construção da descoberta. (...). (Tozoni-Reis, 2006:103). Este momento ocorreu devido a atrasados ocorridos na execução do planeamento.

⁵⁰ Mestre em Ciências da Educação.

⁵¹ As áreas de conhecimento destas investigadoras são a Antropologia e a História da Educação.

Após o encerramento da roda de conversa, os seniores foram conduzidos à sala A, onde para sua surpresa encontraram as crianças do Jardim de Infância. Com o auxílio da educadora, estas cantaram duas canções.

Após as crianças terem apresentado as suas canções foi solicitado aos/às alunos/as da Universidade Sénior que partilhassem com as crianças canções do seu tempo de escola. Todos juntos cantaram e dançaram a canção de roda “Vestidinho Branco”. Houve momentos de conversa entre crianças e seniores e alguns deles conheciam-se.

As “Conversas com História” terminaram com um convívio no qual foi oferecido um lanche a todos/as, tendo em conta o público a que iria ser servido (com poucas calorias e pouco açúcar). Foi um momento de interação entre todos os envolvidos nesta atividade, juntando várias gerações. Assim, também este momento de convívio se tornou num momento de interação intergeracional.

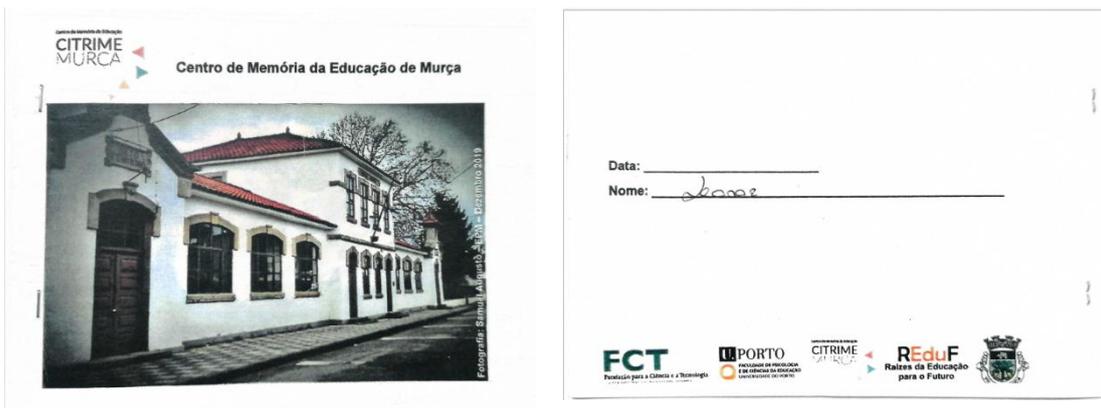
Durante o convívio foi pedido aos/às alunos/as da Universidade Sénior que, antes de se irem embora, deixassem uma opinião sobre a atividade em que tinham participado no livro de visitas do CTRIME-Murça. Entre estas, destacamos as seguintes:

“Gostei da visita acima de tudo pela aprendizagem que levo comigo [...] (L, 2020)” “Foi com grande entusiasmo que assisti à famosa exposição das Escolas Conde Ferreira, bem como o convívio, e o lanche oferecido pelo grupo do Centro – CTRIME – Murça. Obrigada [...] (M.A, 2020)” e “Gostei imenso da exposição que desconhecia. Também gostei muito das Conversas com História que espero voltar. (C.M, 2020)”

Para finalizar a atividade, após o lanche, foi entregue às crianças do Jardim de Infância o caderno de atividades elaborado pela equipa do CMEM⁵², pode ser observado nas figuras a seguir (figuras 11 e 12), para que o preenchessem.

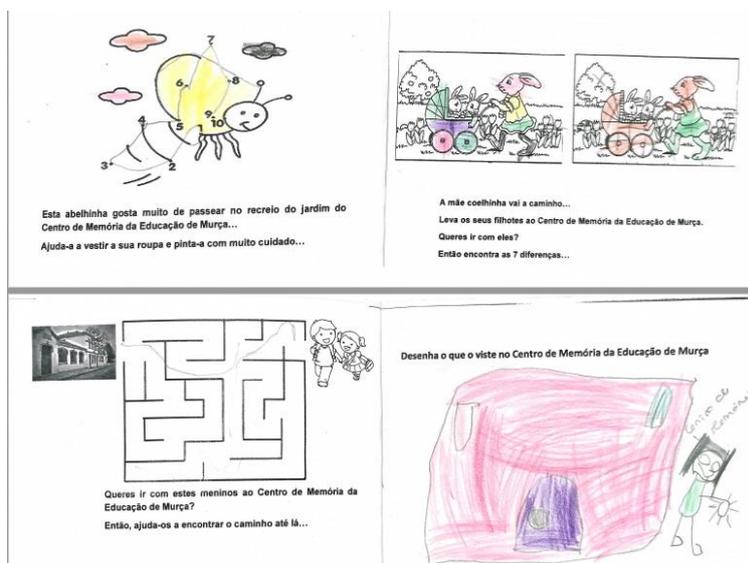
⁵²O caderno foi elaborado por dois membros da equipa do CMEM, pela estagiária e pela Professora Isabel Breia, *stakeholder* do Projeto REduF e professora primária. Tendo a Professora Isabel um vasto conhecimento da comunidade e do tipo de atividades a incorporar no caderno, tornou-se uma mais-valia a sua participação nesta atividade. A construção do caderno por si só já se constituiu uma atividade intergeracional.

Figura 11. Frente e verso do caderno de atividades infantis.



Fonte: CITRIME-Murça.

Figura 12. Interior do caderno de atividades infantis, preenchido pela criança (LG, 2020)



Fonte: CITRIME-Murça.

As crianças levaram o caderno de atividades para o Jardim de Infância onde, no dia seguinte, supervisionadas pela educadora, trabalharam e preencheram o caderno. Depois devolveram-nos acompanhados de um pequeno texto onde a educadora escreveu o que as crianças relataram sobre o que tinham feito no dia em que visitaram o CTRIME-Murça e o que tinham gostado mais dessa visita.

Alguns dos relatos das crianças estavam relacionados com o momento do lanche, das canções que foram cantar e do momento de dança de roda com os/as alunos/as da Universidade Sénior, tal como é possível observar pelas seguintes frases: “Gostei de fazer a dança de roda com os senhores”, “Gostei de comer e de cantar com os senhores”, “Gostei do lanche” e “Gostei de cantar”.

4.3 Lições aprendidas

A atividade “Conversas com História” constitui em si mesma um momento de aprendizagem, de forma individual, como equipa e como Projeto REduF. Após a sua execução foi possível considerar o que correu bem e menos bem.

A inclusão de novos públicos no CTRIME-Murça foi um dos aspetos positivos desta atividade. A integração de uma instituição particular e das crianças no público do CTRIME-Murça foi uma novidade, visto que até então estes ainda não o tinham visitado, nem participado na sua programação.

As parcerias estabelecidas com as instituições – Universidade Sénior, Cruz Vermelha e Santa Casa da Misericórdia – e a participação de outras instituições da comunidade permitiram superar algumas dificuldades em termos de recursos materiais e estruturais relativos à execução das “Conversas com Histórias”. Assim, podemos considerar que a parceria com as instituições locais é essencial em comunidades pequenas.

O carácter intergeracional presente no planeamento e na execução da atividade foi um outro aspeto positivo, pois participaram e interagiram várias gerações: crianças, jovens, adultos e idosos. Logo no momento da criação de materiais para a atividade com as crianças, podemos observar uma interação intergeracional, na medida em que foi um processo colaborativo entre uma jovem e uma sénior. Estes momentos permitem adquirir novos conhecimentos, criar ligações entre as pessoas da mesma comunidade e entre diferentes gerações.

“So although the Reminiscence Centre is a museum and is about the past, its users are constantly learning new skills, making new contacts and feeling valued and valuable in their community today” (Schweitzer, 1995:96).⁵³

Outro momento foi quando as crianças e os/as alunos/as da Universidade Sénior partilharam canções.

A atividade intergeracional foi o momento que teve menos tempo nas “Conversas com História”⁵⁴ porque era a atividade que envolvia as crianças e, portanto, não seria razoável exigir muito tempo da parte delas, sendo que só chegaram no momento da sua participação.

Consideramos que para as crianças a participação na atividade foi algo significativo, porque saíram da sua sala, do seu contexto habitual para conhecer um espaço novo. Esta participação exigiu a autorização dos/as encarregados/as de

⁵³Tradução livre da autora: “Portanto, embora o Centro de Memória seja um museu e seja sobre o passado, os seus visitantes estão constantemente a aprender novas habilidades, a fazer novos contatos e sentem-se valorizados e valiosos na sua comunidade” (Schweitzer, 1995:96).

⁵⁴A “Conversas com História” teve a duração de uma hora e meia, das 15h até às 16h30.

educação e o uso de transporte. A maioria das autorizações foram assinadas pelos/as encarregados/as de educação verificando-se que existiu uma adesão por parte dos/as mesmos/as.

O momento de acolhimento das crianças do Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia inicialmente não tinha sido planeado e foi necessário acontecer devido a atrasos ocorridos na programação.

O caderno de atividades entregue às crianças do Jardim de Infância tinha como objetivo divulgar o CTRIME-Murça para os seus pais e familiares. No entanto, este objetivo não foi cumprido, pois, a educadora devolveu os cadernos preenchidos pelas crianças. Podemos verificar que, possivelmente, houve uma falha de comunicação entre a equipa local e a educadora.

Alguns aspetos não foram incluídos nos cadernos que deviam ter sido. Como foi o caso do título da atividade – “Conversas com História” -, não contém a data em que foi realizada, nem o nome do documento em si – caderno de atividades. Estes aspetos deviam ter sido incluídos pois seria uma forma de conseguir alcançar melhor um dos objetivos propostos para este caderno.

Os/As alunos/as da Universidade Sénior estiveram presentes em toda a atividade. O momento da roda de conversa prolongou-se mais do que o previsto. Podemos considerar que os/as alunos/as da Universidade Sénior se sentiram confortáveis e à vontade para partilhar as suas experiências, cumprindo o objetivo da atividade.

A partilha das experiências e das vivências escolares dos seniores, a sugestão de outras atividades a serem realizadas e o interesse em voltar ao CTRIME-Murça constituiu num ponto positivo nesta atividade. Tal como a aprendizagem realizada por parte da equipa do CTRIME-Murça no momento da roda de conversa.

Na sugestão de outras atividades que os/as alunos/as da Universidade Sénior gostariam de ver ser realizadas, houve o pedido por parte destes de fazer uma visita ao Crasto de Palheiros, em Murça. A equipa do CTRIME-Murça planeou toda a atividade, tratando de transporte. Esta atividade estava incluída na programação de uma excursão vinda do Porto para conhecer as pinturas rupestres no Concelho de Mirandela e para visitar o Crasto de Palheiros⁵⁵.

A visita ao Centro Interpretativo do Crasto de Palheiros seria realizada pela Professora Doutora Maria de Jesus Sanches, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Também seria possível conhecer vestígios arqueológicos que foram colhidos

⁵⁵ Evento científico internacional: Colóquio Internacional Romper Fronteiras, Atravessar Territórios. Identidades e intercâmbios durante a Pré-história recente no interior norte da Península Ibérica.

no Crasto de Palheiros e que fariam parte de uma exposição específica numa das salas do CITRIME-Murça. Devido à pandemia da Covid-19 a programação foi suspensa.

No final das “Conversas com História” foi pedido aos/às alunos/as da Universidade Sénior que deixassem a sua opinião no livro de visitas. Consideramos que os relatos deixados foram positivos, referindo questões relacionadas com a aquisição de novos conhecimentos realizada na atividade, sobre o convívio, sobre a experiência vivenciada e expressaram a vontade de voltar ao CITRIME-Murça.

O Termo de Consentimento Informado entregue previamente aos seniores e aos encarregados de educação das crianças tinha como objetivo obter a autorização dos participantes para serem fotografados e filmados. Este documento que foi entregue aos/às alunos/as da Universidade Sénior trouxe alguns constrangimentos. A maioria dos seniores não tinha assinado o consentimento porque não tinham percebido qual era o objetivo do documento. No momento da roda de conversa foi-lhes explicado oralmente pela Coordenadora do Projeto REduF qual era o intuito daquele documento, qual a sua função, ainda assim algumas pessoas preferiram não assinar, o que foi respeitado.

No momento de planear uma atividade é preciso ter em conta diversos elementos que se tornam necessários para o desenvolvimento da mesma. O planeamento deve ter previsto atrasos na programação ou outro tipo de imprevistos que possam ocorrer durante a execução da atividade.

Considerações Finais

Ao longo de todo o estágio curricular foram inúmeras as aprendizagens que adquiri tanto a nível pessoal, como a nível profissional e académico.

Esta experiência permitiu que eu desenvolvesse capacidades ao nível da autonomia, responsabilidade e trabalho em equipa. Assim como desenvolvi competências relacionadas com a organização e divulgação de exposições, planeamento de atividades e dinâmicas com crianças, idosos e a própria comunidade, desde a conceção das atividades até ao contacto com escolas e órgãos do Poder Local.

Ao longo do estágio tive oportunidade de conhecer o Concelho de Murça, o seu património, as suas gentes, as suas tradições e costumes.

Percebemos que é importante estabelecer uma ligação forte entre a instituição cultural, mais especificamente com o CITRIME-Murça, e a comunidade em que este se insere, visto que é esta mesma comunidade que dá sentido ao que é desenvolvido pelo Centro e permite que o património e a herança cultural não sejam esquecidos. Para além de que é uma forma de preservar e conservar o património cultural dessa mesma comunidade, visto que existe um maior envolvimento por parte dos seus membros. Uma outra maneira de conseguir isto mesmo é através do inventário participado, em que a comunidade faz contribuições na identificação do património cultural através, por exemplo, da sua memória pessoal.

Não devemos esquecer o papel importante que o Serviço Educativo tem nesta interação, pois através deste é possível criar projetos e atividades para incentivar o envolvimento de toda a população, desde os mais jovens aos mais idosos. Para isso é necessário que o Serviço Educativo consiga chegar a esses públicos, que têm especificidades diferentes. Neste sentido, foi importante ouvir o público, foram pedidas sugestões, tentamos perceber quais as expectativas que tinham, o que esperavam do Centro, que tipo de atividades gostariam que fossem dinamizadas.

Tendo em conta que a comunidade do Concelho de Murça está envelhecida foi interessante perceber como as atividades intergeracionais são importantes para esta. Não só para os mais velhos, mas também para os mais novos. A partilha de conhecimento, de saberes entre gerações produz resultados positivos para ambas as partes, no sentido em que os mais velhos não se sentem tão isolados e podem partilhar todo o conhecimento de uma vida e as suas memórias, contribuindo assim para o bem-estar dos mesmos. E os mais novos podem encontrar exemplos nestes idosos e partilhar também os seus saberes com eles, constituindo momentos de aprendizagem e formação.

O CITRIME-Murça proporciona estes momentos de partilha e reflexão acerca da herança cultural e educativa, das memórias, sempre com o mote de trabalhar com a comunidade para que isto seja possível.

As Ciências da Educação, enquanto área que engloba vários saberes disciplinares permite uma compreensão abrangente dos fenómenos educativos e sociais, oferecendo uma vasta mobilização de conhecimentos. Deste modo, têm um papel fundamental nos contextos culturais, na preparação/planeamento das atividades, tendo como foco o tempo/duração, a dinâmica e a forma como expõem o conteúdo, na avaliação das atividades, na mediação entre a comunidade e a instituição.

Referências Bibliográficas

Arruda, J. (Coord) (2017) Murça. Territórios Vinhateiros de Portugal. Cartaxo: Associação de Municípios Portugueses do Vinho.

Beja, Filomena, Serra, Júlia & Machás, Estella (1985). Muitos anos de escolas: Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.

Bernardo, Lilian D. & Carvalho, Claudia R. A. De (2020). O papel do engajamento cultural para os idosos: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 23(6), 1-13. Retirado de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232020000600301&tlnq=en

Bolivar, Antonio (2003) Como melhorar as escolas: Estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas. Potencialidades e limites das estratégias de desenvolvimento e mudança. Porto: Edições Asa

Camacho, Clara F. (2007). Serviços educativos na rede portuguesa de museus: panorâmica e perspectivas. In Sara Barriga e Susana Gomes da Silva, *Serviços Educativos na Cultura* (pp.26-41). Porto: Setepés.

Cardoso, Maria Miguel (2016). Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti. In Carvalho, Ana (Coord.), *Participação: Partilhando a Responsabilidade* (pp. 95-102). Almada: Acesso Cultura.

Carvalho, Adalberto & Baptista, Isabel (2008). Ética e formação profissional: Problemáticas antropológicas e dilemas éticos na intervenção socioeducativa. In Banks, Sarah & Nohr, Kirsten (Coords.), *Ética Prática para as Profissões do Trabalho Social* (pp.19-32). Porto: Porto Editora.

Cavalli, Alessandro (1994). Generazione. Enciclopedia delle scienze sociali (vol. IV). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana Treccani.

Corredor, Yvonne Rocio Ramírez (2015). En los Montes de María el museo resiste: aproximaciones a la relación entre arqueología, comunidad y patrimonio arqueológico desde el Museo Comunitario San Jacinto, Bolívar, Comlombia. *Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe Colombiano*, 11(27), 174-206. Retirado de http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-88862015000300008&script=sci_abstract&tlnq=es

Coulter, David (2002). What Counts as Action in Action Research? *Educational Action Research*, 10(2), 189-206. Tradução de José Ricardo Quadrado Correia e

Colaboração de Carla Gomes. O que conta como acção na Investigação-Acção Educativa, pp. 1-25.

Cunff, Françoise Le (2015). *Adões Bermudes, arquiteto escolar*. Retirado de <https://www.sec-geral.mec.pt/sites/default/files/Adões%20Bermudes%20-%20arquiteto%20escolar.pdf>

Faria, Margarida L. de (2007). Avaliação. In Sara Barriga e Susana Gomes da Silva, *Serviços Educativos na Cultura* (pp.67-77). Porto: Setepés.

Felgueiras, Margarida L. (2010). Cultura Escolar: da migração do conceito a sua objetivação histórica. In *Cultura Escolar, Migrações e Cidadania*. (eds) Felgueiras, M. & Vieira, C.E Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE).

Felgueiras, Margarida L. (2005). Materialidade da Cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. In *Pro-posições*, 16 (1).

Felgueiras, Margarida L. (2010). Herança cultural como processo colectivo, In Centro de Memória da Educação da FEUSP. Centro de Memória da Educação FEUSP, São Paulo.

Felgueiras, Margarida L. (2011). Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. *Revista Brasileira de História da Educação*, 11(1), 67-92.

Felgueiras, Margarida L. (2015). Para uma fundamentação da cultura material das práticas educativas. *Circuitos e Fronteiras da História da Educação*, 12(s/n), 169-185.

Felgueiras, Margarida L. (2007). A arquitectura da escola primária em Portugal nos séculos XIX e XX. Contributos. In Juan Fernández Gómez; Gloria Tocino Espigado; Miguel Miranda Beas (Eds.), *La escuela y sus escenarios. Actas de los IX Encuentros de Primavera en El Puertos. El Puerto de Santa María, Concejalía de Cultura del Ayuntamiento*, pp. 37-65.

Fernandes, João Luís (2013). *Murça: história, gentes, tradições*. Murça: Câmara Municipal de Murça.

Ferreira, Isabel S. V. B. da S. (2017). *Educação Intergeracional como estratégia de promoção do envelhecimento ativo. Análise de necessidades de uma comunidade local, enquanto via fundamentadora de projetos relevantes e sustentáveis* (Tese de doutoramento). Retirado de <https://eq.uc.pt/bitstream/10316/43108/6/Educação%20Intergeracional%20como%20Estratégia%20de%20Promoção%20do%20Envelhecimento%20Ativo.pdf>

Hodge, Robert & D'Souza Wilfred (1994). The museum as a communicator: a semiotic analysis of the Western Australian Gallery, Perth. In Eilean Hooper-Greenhill (Eds.), *The Educational Role of the Museum* (pp. 37-46). London: Routledge.

Hooper-Greenhill, Eilean (1998). El nuevo papel de los museos. In Eilean Hooper-Greenhill, *Los museos y sus visitantes* (pp.9-14). Astúrias: Ediciones Trea, S. L.

Lei nº47/2004, de 19 de agosto. *Diário da República nº195 – I série-A*. Ministério da Cultura. Lisboa.

Leite, Carlinda, Rodrigues, Lurdes & Fernandes, Preciosa (2006). A Auto-Avaliação das Escolas e a Melhoria da Qualidade da Educação: Um olhar reflexivo a partir de uma situação. *Revista de Estudos Curriculares*, 4(1), 21– 45.

Lüscher, Kurt, Hoff, Andreas, Lamura, Giovanni L., Renzi, Marta, Sánchez, Mariano, Viry, Gil & Widmer, Eric (2014). *Generationen, Generationenbeziehungen, Generationenpolitik*. Retirado de <https://kops.uni-konstanz.de/handle/123456789/25112>

Magalhães, João (2010). *Horizontes da Ética. Para uma cidadania responsável*. Porto: Edições Afrontamento.

Mendes, J. Amado (2013). O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências actuais. In J. Amado Mendes, *Estudos do Património: Museus e Educação* (pp.31-49). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Menezes, Isabel (2007). *Intervenção Comunitária: Uma perspectiva psicológica*. Porto: Livpsic.

Monteiro, Alcides (1996). A avaliação em projectos de intervenção social: reflexões a partir de uma prática. In *Sociologia, Problemas e Práticas, Metodologias de Avaliação*, 22, Lisboa: ISCTE, 137-154.

Newman, S. & Brummel, S. (1989), *Intergenerational Programs: Imperatives, Strategies, Impacts, Trends*, New York: The Haworth Press, Inc.

Querol, Lorena Sancho (2013). Para uma gramática museológica do (re)conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 25(s/n), 165-188. Retirado de <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1370/1186>

Quintela, Pedro (2011). Estratégias de mediação cultural: Inovação e experimentação no Serviço Educativo da Casa da Música. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 94, 63-85.

Raimond, Quivy e Campenhoudt, LucVan (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações, L.da.

Vieira, Susana Saborano (2018). *O lugar da herança cultural no desenvolvimento local. A experiência de pensar com os atores sociais um Centro de Memória da*

Educação. (Relatório de Mestrado) Retirado de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/116807> .

Sáez, Juan (2002). Hacia la educación intergeneracional: Concepto y posibilidades. In Juan Sáez (Coord.), *Pedagogía social y programas intergeneracionales: Educación de personas mayores* (pp. 99-112). Málaga: Aljibe.

Sánchez, Mariano, Kaplan, Matthew, & Saéz, Juan (2010). Programas intergeracionales: Guía introductoria. Madrid: Imsero.

Schweitzer, Pam (1995). Age Exchange: The potential of reminiscence. In Alan Chadwick & Annette Stannett (Eds.), *Museums and the Education of Adults* (pp. 92-96). England/Wales: National Institute of Adult Continuing Education.

Silva, Sandra P. de J. da (2011). *Visita guiada: uma estratégia da educação museal*. (Dissertação de Mestrado). Retirado de <https://run.unl.pt/handle/10362/7321>

Silva, Susana G. da (2007). Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. In Sara Barriga e Susana Gomes da Silva, *Serviços Educativos na Cultura* (pp.57-66). Porto: Setepés.

Sobrinho, José Dias (2011). Avaliação: técnica e ética. *Revista da Avaliação da Educação*, 7-19.

Sousa, Anabela & Terrasêca, Maria (2015). Processos de autoavaliação de escolas ou avaliação interna do sistema? *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 23(115).

Tozoni-Reis, Marília F. de C. (2006). Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para a metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. *Educar em Revista* 36(27), 93-110. Retirado de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100007

Unesco (2003). Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial. Retirado de <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

Apêndices

Apêndice 1 - Cartaz Exposição “Escolas Conde Ferreira: marco histórico da instrução pública em Portugal”

Centro de Memória da Educação

CITRIME
MURÇA



Exposição



Escolas Conde Ferreira:

marco histórico da instrução
pública em Portugal

Entrada gratuita

25 de Outubro
a 26 de Janeiro de 2020

Horário



Terça a sexta
10h - 12h
14h - 17h



Rua Comendador Américo Breia, 29 - Murça
antiga escola n° 1

Realizamos agendamento de visitas em outros dias e horários
para grupos de turistas, professores e estudantes.

+ Info:
centromemoriaeducacao.murca@gmail.com

Organização

FCT

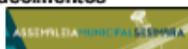
Faculdade
para a Ciência
e a Tecnologia

U. PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
INTERDISCIPLINAR DO PORTO

REduF
Raízes da Educação
para o Futuro

Agradecimentos



Apêndice 2 – Roteiro da visita à Exposição “Escolas Conde Ferreira”

Exposição “Escolas Conde de Ferreira – Marco Histórico da Educação em Portugal”

Esta exposição foi concebida em Sesimbra e está aqui temporariamente. Pensar a educação, o que havia antes das escolas, como se estudava antes, um ambiente específico para a educação, preocupação com o professor.

A exposição começa com informações sobre o Conde de Ferreira, com a apresentação de alguns dados sobre as normas jurídicas que foram instituindo o direito à educação em Portugal e um friso cronológico que situa Portugal no contexto internacional.

Durante o século XIX, foram vários os portugueses que emigraram para o Brasil em busca de uma vida melhor. Os que conseguiam sobreviver à viagem e chegar ao destino, enriqueciam e regressavam para Portugal para investir no país, doando casas ou grandes quantias de dinheiro. Estes emigrantes eram mais conhecidos como “brasileiros de torna viagem”. Ao fazerem estas doações era-lhes dado um reconhecimento social, como um título (conde, etc.).

O Conde de Ferreira foi um “brasileiro de torna viagem”, regressou a Portugal rico e quando faleceu deixou em testamento 144 contos de reis para a construção de 120 escolas, sinalizando, assim, o início de um movimento social em prol da educação e de políticas educativas, que pretendiam implementar a escolarização popular. Este gesto foi determinante para tentar minimizar o número tão elevado de analfabetos na classe popular. O contributo da iniciativa privada e do poder local foram importantes na dinamização do sistema educativo, quer substituindo o poder central na construção de edifícios escolares quer criando público e condições para o exercício da profissão docente.

Após o falecimento do Conde de Ferreira, em 1886, o Rei D. Luiz I: “São autorizadas as câmaras municipais para

“Uma década após o falecimento do Conde os vencimentos dos professores e ajudantes de ambos os sexos, das escolas de instrução primária ‘são encargos obrigatórios das câmaras municipais’ as quais são igualmente responsáveis por “ministrar habitação aos professores, fornecer mobília, organizar a biblioteca das escolas (...)”.

Na próxima sala, encontramos informações sobre a vida escolar na escola Conde de Ferreira de Sesimbra. Nesta sala também se encontram alguns objetos característicos desta altura e, por fim, podemos observar alguns dos edifícios que ainda existem e também alguns que já foram demolidos.

Com o falecimento do Conde de Ferreira, em 1886, são feitas as primeiras normas para a construção da casa de escola, graças ao legado que este deixou em testamento. O Conde doou 144 contos de réis para a construção destas escolas, em sedes de comarcas. Estas foram as primeiras a serem construídas segundo uma mesma planta e obedecendo a regras de construção e de higiene definidas por lei. Foram construídas 120 escolas por todo o país.

Assim, foi criada uma tipologia de edifícios escolares, neste caso em específico, a escola tinha três divisões e um formato retangular. Na frente do edifício havia uma sala de costura para as meninas e depois tinha a sala de aula que podia receber entre 50 a 100 alunos, de ambos os sexos, no final tinha a casa do professor. As escolas começaram a ser construídas em 1887.

Excerto do Testamento: “Convencido de que a instrução pública é um elemento essencial para o bem da sociedade, quero que os meus testamenteiros mandem construir e mobilar 120 casa para escolas primárias de ambos os sexos nas terras que forem cabeças de concelho, sendo todas por uma mesma planta e com acomodações para vivenda do professor, não excedendo o custo de cada casa e mobília a quantia de 1 cento e 200 mil reis; e pronta que esteja a casa, será a mesma entregue à Junta de Paróquia em que for construída mas não mandarão construir mais de 2 casa em cada cabeça de concelho e preferirão aquelas terras que bem entenderem.”

Em Sesimbra a escola Conde de Ferreira atualmente é a Sede da Assembleia Municipal de Sesimbra.

São escolas do legado aquelas que tem a data com o falecimento do Conde. As outras são da mesma planta, mas são construídas posteriormente, não fazem parte desse legado.

Das 120 escolas previstas no legado do Conde existem atualmente 70 edifícios.

Apêndice 3 – Nota de Terreno 23/01/2020

Nota de Terreno

23/01/2020

Cheguei ao Centro de Memória às 9h30 e começamos por finalizar os últimos aspetos necessários para a atividade da tarde, a “Conversa com História”. Estivemos a ver a logística das salas, do lanche, das cadeiras para as pessoas se sentarem e onde iam ficar as crianças para cantarem.

Depois do almoço, fui para o Centro às 14h para receber e mostrar o espaço aos dois alunos da EPM que iam fotografar e gravar a atividade.

A atividade era destinada aos/às alunos/as da Universidade Sénior e tinha início às 15h. o objetivo deste encontro era estabelecer um primeiro contacto com a Universidade Sénior, dar a conhecer o espaço do Centro de Memória e a exposição sobre as Escolas Conde de Ferreira, que já estava de saída do CITRIME.

A “Conversas com História” consistiu numa visita guiada à exposição “Escolas Conde de Ferreira: Marco Histórico da Instrução Pública em Portugal”, seguida de uma roda de conversa onde todos se apresentaram e partilharam memórias e recordações do seu tempo na escola. No final tivemos uma pequena surpresa para os/as nossos/as convidados/as, os/as meninos/as do Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia vieram ao Centro cantar algumas músicas e oferecemos um pequeno lanche a todos/as. Terminada a atividade pedimos que assinassem o nosso livro de visitas.

Para além das músicas que tinham preparado para apresentar, depois de as cantarem a Educadora perguntou aos/às alunos/as da Universidade Sénior se lhes podiam ensinar alguma música do seu tempo. Então uma das alunas esteve a ensinar uma música de roda, onde participaram crianças e idosos. As crianças ficaram muito contentes por aprender uma nova canção de roda.

Enquanto estavam na roda de conversa, eu e a Sílvia estivemos a preparar o lanche, a colocar a mesa e a fazer o chá para depois servir. Os meninos do Jardim de Infância chegaram um bocadinho mais cedo e, portanto, estiveram a ensaiar as músicas que iam interpretar.

Quando acabou a atividade estivemos a organizar e a arrumar as salas do Centro. Saí do CITRIME por volta das 18h.

Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento/Utilização de Fotografia e Imagem para as Crianças



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/UTILIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA E IMAGEM

Eu, _____, autorizo a participação do meu/minha educando/a, _____, e declaro, por meio deste termo, que permito a publicação das fotografias e imagens recolhidas durante as **Conversas com Histórias**, para efeitos de registo (arquivo) da atividade e, também, de divulgação em publicações escritas ou virtuais, incluindo na página de Internet e redes sociais do Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Interregional de Memória da Educação de Murça.

Mais declaro expressamente, que as referidas imagens e fotografias poderão ser utilizadas no âmbito de qualquer iniciativa ou ação de publicidade promovida pelo CITRIME – Murça, renunciando desde já a quaisquer direitos ou compensação que desta utilização possa eventualmente resultar. As imagens captadas em vídeo poderão, de igual modo, ser utilizadas para qualquer fim publicitário ou promocional, decorrente da ação do CITRIME – Murça.

Fui ainda informado(a) de que posso retirar as minhas fotografias e imagens cedidas a este estudo a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Murça, _____ de _____ de _____

Assinatura do/a participante

Apêndice 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/Utilização de Fotografia e Imagem para os Seniores



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/UTILIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA E IMAGEM

Eu, _____, declaro, por meio deste termo, que autorizo a publicação das fotografias e imagens recolhidas durante as **Conversas com Histórias**, para efeitos de registo (arquivo) da atividade e, também, de divulgação em publicações escritas ou virtuais, incluindo na página de Internet e redes sociais do Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Interregional de Memória da Educação de Murça.

Mais declaro expressamente, que as referidas imagens e fotografias poderão ser utilizadas no âmbito de qualquer iniciativa ou ação de publicidade promovida pelo CITRIME – Murça, renunciando desde já a quaisquer direitos ou compensação que desta utilização possa eventualmente resultar. As imagens captadas em vídeo poderão, de igual modo, ser utilizadas para qualquer fim publicitário ou promocional, decorrente da ação do CITRIME – Murça.

Fui ainda informado(a) de que posso retirar as minhas fotografias e imagens cedidas ao CITRIME - Murça a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Murça, _____ de _____ de _____

Assinatura do/a participante

Apêndice 6 – Cartaz Exposição “Luces de Alén Mar. As Escolas de Americanos en Galicia”

EXPOSIÇÃO
LUCES DE ALÉN MAR
AS ESCOLAS DE AMERICANOS EN GALICIA
14 de febreiro a 31 de março de 2020



CITRIME-MURÇA
Centro Interdisciplinar, Transfronteiriço e Inter-regional de Memória da Educação de Murça

Horário
Terça a sexta
10h-12h / 14h-17h

Rua Comendador Américo Breia, n.º29, Murça- (antiga escola n.º1)

Realizamos agendamentos de visitas noutros dias e horários para grupos de turistas, professores ou estudantes.
+info: centromemoriaeducacao.murca@gmail.com



Apêndice 7 – Planeamento Atividades do Campo de Férias da Páscoa 2020

Plano de atividades – Brincar à descoberta do passado II – Campo de férias da Páscoa 2020 CITRIME - Murça				
	Atividade 1 – Jogos tradicionais	Atividade 2 – Jardinagem/horta	Atividade 3 – Visita à exposição “Luces de Alén Mar”	Atividade 4 – Reencontro com as tradições da Páscoa
Objetivos	Conhecer as tradições populares; Recuperar as tradições; Criar o sentimento de identidade com a comunidade em que estão inseridos	Criar o sentido de responsabilidade; Conhecer como se cuidava da horta antigamente, na escola;	Criar o sentido descoberta/questionamento e sentido crítico	Conhecer as tradições populares; Recuperar as tradições; Criar o sentimento de identidade com a comunidade em que estão inseridos
Materiais necessários	Pedrinhas de tecido; Corda; Giz; Quatro malhas de madeira, ferro ou pedra e dois pinos (paus redondos que se equilibrem na vertical).	Sementes; Plantas; Flores; pás, sachos; engaços;... Papel de cenário e marcadores		

Anexos

Anexo 1- Atividade Campo de Férias 2019 – Saltar à corda e Jogo das pedrinhas



Anexo 2 - Atividade Campo de Férias 2019 – Jardinagem



Anexo 3 - Atividade Campo de Férias 2019 – Lavoros

